

Thomas da Silva Vilas Boas

## **A ICONOGRAFIA DA ECLESIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Eing.

Florianópolis  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da  
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Vilas Boas, Thomas da Silva  
A Iconografia da Eclesiologia do Papa Francisco /  
Thomas da Silva Vilas Boas; Orientador: Ademir Eing;  
Florianópolis, SC, 2023.  
108 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de  
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Eclesiologia 2. Papa Francisco 3. Iconografia 4.  
Santuário de Aparecida. II. Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)  
Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26,06/02/2017, p.23)  
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil - CNPJ  
nº 82 898 891/0005-33

Thomas da Silva Vilas Boas

### A iconografia do Papa Francisco a partir de sua eclesiologia

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 08 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti  
Coordenador do Curso

#### Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ademir Eing  
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller  
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Esp. Luiz Harding Chang  
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)



A minha família, aos amigos e a todos aqueles e aquelas que têm por ofício e dom, manifestar, por meio de suas obras, a Beleza de Deus.



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que, manifestando-se a nós, tornou-nos colaboradores em suas obras.

À minha família, que me revela o Amor-misericordioso do próprio Deus.

À Arquidiocese de Florianópolis e, de modo especial, aos membros de minha paróquia – Santo Antônio, Itapema – que me auxiliaram no discernimento da minha vocação. De modo especial, ao amigo e pároco, Padre Leandro José de Souza.

Ao Seminário Teológico Convívio Emaús, nas pessoas dos padres, colegas e colaboradores, que me ajudaram no período em que lá residia e continuam a me auxiliar por meio do afeto e da amizade.

Ao Padre Vânio da Silva, de modo especial, pela alegria e o privilégio de tê-lo como reitor durante o tempo de formação e por ainda tê-lo como referência próxima de cristão e admirador da arte e da arquitetura sacra.

A todos aqueles e aquelas que nesta trajetória estiveram ao meu lado, de modo especial aos meus colegas de turma, que foram para mim referência e porto em todas as minhas decisões.

Ao Padre Vilmar Adelino Vicente, por todo seu apoio e cuidado paternal.

Aos professores e demais colaboradores da Faculdade Católica de Santa Catarina, que, ao longo destes quatro anos têm me ensinado sobre a importância e o papel da Fé. Destaco meu orientador, Dr. Pe. Ademir Eing, que, com seu fervor e paixão pela Ecclesialogia, despertou em mim o desejo por esse estudo e me ajudou de forma inexprimível nesta pesquisa. Agradeço, também, ao Ronaldo Casagrande pela indispensável ajuda com o português. E a todos que me auxiliaram dentro e fora das salas de aula.





E se a fé permanecer viva, também esta herança cultural não morrerá, mas permanecerá viva e presente. Os ícones falam também hoje ao coração dos fiéis, não são realidades do passado. As catedrais não são monumentos medievais, mas casas de vida, onde nos sentimos *em casa*: encontramos-nos com Deus e encontramos-nos uns com os outros.

(Joseph Aloisius Ratzinger, Bento XVI)



## RESUMO

A eclesiologia subjacente aos discursos e documentos do Papa Francisco tem mostrado sua pertinência missionária. Como a iconografia e a arquitetura sacras têm sido, ao longo dos séculos, poderosas aliadas na evangelização, esta pesquisa teológica de cunho bibliográfico, no âmbito da eclesiologia e da liturgia, intenta evidenciar a importância de traduzir nos traços arquitetônicos e iconográficos a eclesiologia de Francisco. Depois de definir os principais elementos da eclesiologia em questão e elucidar os fundamentos da iconografia cristã, abordaram-se, conceitualmente, as imagens iconográfico-eclesiológicas mais expressivas utilizadas pelo Papa (figuras de linguagem), e se reproduziram obras iconográficas e arquitetônicas do Santuário Nacional de Aparecida, cujos traços artísticos remetam às referidas imagens. Pretendeu-se evidenciar que a junção da eclesiologia e do espaço sagrado contribui para a edificação de igrejas que, por si mesmas, remetam os cristãos aos mistérios ali celebrados.

**Palavras-chave:** 1. Eclesiologia. 2. Iconografia. 3. Papa Francisco. 4. Arquitetura Sacra.



## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 – Eleição do Papa Francisco.....	26
Figura 2 – Colunata.....	33
Figura 3 – Presbitério de Aparecida .....	36
Figura 4 – Papa diante dos sultões.....	42
Figura 5 – Baldaquino.....	46
Figura 6 – A Basílica e a Cidade.....	55
Figura 7 – Sala das velas.....	57
Figura 8 – Porta da Anunciação.....	61
Figura 9 – Painel a evangelização do Brasil.....	64
Figura 10 – Moisés recebe as tábuas da lei.....	68
Figura 11 – Cúpula .....	71
Figura 12 – Cúpula aproximada.....	72
Figura 13 – Batistério .....	80
Figura 14 – Porta Santa.....	82
Figura 15 – Passarela da Fé.....	86
Figura 16 – Confessionários .....	90
Figura 17 – Altar central.....	94



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG – *Ad Gentes*  
AL – *Amoris Laetitia*  
At – Atos dos Apóstolos  
Ap – Apocalipse  
CDC – Código de Direito Canônico  
CV – *Christus Vivit*  
CIV – *Caritas in Veritate*  
CI – Carta aos Colossenses  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
DM – *Dives in Misericordia*  
DD – *Desiderio Desideravi*  
EO – *Ecclesia in Oceania*  
EE – *Ecclesia de Eucharistia*  
EG – *Evangelii Gaudium*  
Ef – Carta aos Efésios  
Ex – Livro do Êxodo  
FT – *Fratelli Tutti*  
GE – *Gaudete et Exsultate*  
Gn – Livro do Gênesis  
Gl – Carta aos Gálatas  
GS – *Gaudium et Spes*  
Hb – Carta aos Hebreus  
Is – Livro do Profeta Isaías  
Jr – Livro do Profeta Jeremias  
JFDV – Os Jovens a Fé e o Discernimento Vocacional  
Lc – Evangelho Segundo Lucas  
LG – *Lumen Gentium*  
LS – *Laudato Sí*  
Mc – Evangelho Segundo Marcos  
Mt – Evangelho Segundo Mateus  
MV – *Misericordiae Vultus*  
Os – Livro de Oséias  
PP – *Populorum Progressio*  
QA – Querida Amazônia  
Rm – Carta aos Romanos  
SC – *Sacrosanctum Concilium*  
TMA – *Tertio Millennio Adveniente*





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>1 A ECLESIOLOGIA SUBJACENTE AOS DOCUMENTOS E DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO .....</b>	<b>23</b>
1.1 UMA IGREJA VIRGEM E MÃE .....	24
1.2 UMA IGREJA PARA A MISSÃO .....	28
1.3 UMA IGREJA MISERICORDIOSA.....	36
1.4 UMA IGREJA PARA A CASA COMUM.....	41
<b>2 A ICONOGRAFIA CRISTÃ .....</b>	<b>49</b>
2.1 ARTE SACRA, ARQUITETURA E ICONOGRAFIA .....	50
2.2 O ESPAÇO.....	52
2.3 O SAGRADO.....	57
2.4 O SÍMBOLO .....	60
2.5 A CATEQUESE ICONOGRÁFICA .....	63
2.6 A LITURGIA .....	67
<b>3 A ICONOGRAFIA ECLESIOLOGICA DO PAPA FRANCISCO .....</b>	<b>73</b>
3.1 IGREJA FEMININA.....	75
3.2 PORTAS ABERTAS.....	79
3.3 PONTE .....	84
3.4 HOSPITAL DE CAMPANHA.....	86
3.5 IGREJA SINODAL.....	90
3.6 PASTORES COM CHEIRO DE OVELHAS.....	93
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>



## INTRODUÇÃO

O ministério petrino, com tudo o que significa, desponta no horizonte das discussões sobre a Igreja Católica, como um dos elementos que, por disposição do próprio Cristo, a constitui como tal. Além da presença estável deste ministério, o Espírito sempre suscitou, ao longo da história, figuras carismáticas que ajudassem a Igreja a se renovar, a fim de que fosse mais fiel à sua missão de anunciar e propagar o Reino de Deus. De fato, se a Pedro foi dito “sobre esta pedra edificarei minha Igreja”, também a outros, como a Francisco de Assis, Deus se dirigiu ordenando: “vai e reconstrói a minha casa que, como vês, está destruída!”.

Atualmente, essas duas figuras de inestimável valor religioso e histórico parecem unidas numa única pessoa: o Papa Francisco. Além de exercer o ministério petrino, o Francisco hodierno tem se revelado um grande reformador.

Assim, a presente pesquisa, de caráter bibliográfico, toca em duas áreas da teologia: a eclesiológica, particularmente as reflexões eclesiológicas do Papa Francisco; e a litúrgica, mormente o espaço litúrgico com suas iconografia e arquitetura. A abordagem remete-nos ao famoso axioma: *lex orandi lex credendi*.

Diante dos desafios levantados pela missão, a Igreja sempre se viu instigada à renovação. As grandes reformas nela ocorridas indicam a necessidade de readequar-se continuamente. Foi, porém, somente nos últimos cem anos que a Igreja começou a se debruçar sistematicamente sobre sua própria identidade, surgindo, desse modo, um novo tratado na teologia, a eclesiologia.

De Pedro a Francisco, o processo de renovação eclesial conheceu muitos nomes. Alguns são recordados positivamente, outros nem tanto. São exemplos notórios: Gregório VII e os demais papas da Reforma Gregoriana; São Francisco de Assis; Lutero e Calvino; Paulo III e Pio V, com o Concílio de Trento; São João XXIII e São Paulo VI com o Concílio Vaticano II. Eles tornaram-se fortes apelos à consciência da Igreja em missão, e à necessária fidelidade a própria identidade. As reflexões eclesiológico-pastorais do Pontífice atual têm se mostrado muito pertinentes e também têm instigado a Igreja a repensar-se e renovar-se.

Tenham-se presentes os desdobramentos das reformas eclesiais na vida litúrgica da Igreja. Com efeito, elas suscitaram novas formas de celebrar, construir, decorar e agir, e são testemunhos, fisicamente

consolidados, do modo como a Igreja se entendia e celebrava, naqueles respectivos períodos.

Apesar de seu grande valor educativo, reiteradamente atestado, esse nexos entre eclesiologia e liturgia parece descurado, atualmente. É notória a influência do racionalismo cartesiano, empirista e conceitual, sobre o ser humano moderno, tornando-o menos apto, ou mesmo inapto, à linguagem dos símbolos. Este fenômeno indicaria a inadequação pedagógica da iconografia e da arquitetura sacras? Parte-se da premissa que o humano é, por natureza, um ser simbólico e, como tal, necessitado de símbolos. A dimensão física e visível do ser humano remete, efetivamente, a um ser que não se limita a ela, mas é muito mais. Espera-se, pois, com esta pesquisa, evidenciar a importância de traduzir, na iconografia e na arquitetura sacras, a eclesiologia do Papa Francisco.

No primeiro capítulo, coloca-se a seguinte questão: é possível extrair das falas e documentos do atual Pontífice elementos eclesiológicos que indiquem como o Papa espera que a Igreja se entenda e atue em nossos dias? Busca-se, então, atingir o seguinte objetivo: definir, a partir de suas falas e documentos, os traços fundamentais da eclesiologia de Francisco. Ressalta-se a necessidade de focar apenas nos aspectos eclesiológicos recorrentes e bem delineados presentes no magistério do atual pontífice. Para que tal objetivo seja atingido, recorreu-se à exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, à bula *Misericordiae Vultus* e à carta encíclica *Laudato Sí*. Além desses documentos básicos, diversos outros foram utilizados.

Outro tema refere-se à iconografia e à arquitetura sacras. Para isso, o segundo capítulo parte da criatividade e da habilidade intrínsecas ao ser humano de edificar, decorar e organizar um espaço, dando-lhe abrangentes funções. As cores, os traços, os desenhos, os quadros, os monumentos em geral falam da religiosidade e da história dos povos. Neste mundo de mensagens tão eloquentes estão as igrejas. Edificadas com pedras e marcadas pela cultura, elas exprimem a identidade da comunidade que ali se reúne. O templo, ainda que seja um “espaço sagrado”, está inserido no espaço profano e por ele é permeado.

Coloca-se a questão: é possível estabelecer o que configura uma obra de arte como elemento iconográfico? Abordam-se, assim, os aspectos teológicos constitutivos da arte sacra, procurando elucidar os fundamentos da iconografia cristã.

No terceiro capítulo, busca-se entrelaçar as duas áreas abordadas anteriormente. Uma vez estabelecidas as bases da iconografia cristã e as principais características eclesiológicas do magistério de Francisco, coloca-se a questão: a imbricação desses conceitos é possível e

funcional? O terceiro capítulo busca, portanto, evidenciar que a junção da eclesiologia e do espaço sagrado contribui para a edificação de igrejas que, por si mesmas, remetam os cristãos aos mistérios ali celebrados.

Ao longo desta pesquisa, através da iconografia do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, procura-se ilustrar a possibilidade de traduzir uma eclesiologia em linguagem iconográfica.

Quanto à metodologia, esta pesquisa teológica, de natureza bibliográfica, utiliza-se do método indutivo. Indutivo, primeiramente, porque parte de baixo, das inquietações largamente partilhadas no âmbito católico, diante do esvaziamento de suas comunidades e de um crescente consenso em torno às suas principais causas: a inadequação pastoral diante do recrudescimento do fenômeno da secularização, que vem extenuando a vida cristã nos ambientes sociais e, gradativamente, incapacitando para a linguagem simbólico-sacramental. Linguagem essa imprescindível à comunicação dos Mistérios da Fé, dentre eles à natureza teândrica da Igreja, e intrinsecamente cristã desde que o Verbo se fez carne e Jesus de Nazaré tornou-se a Imagem do Deus invisível.

A metodologia do presente trabalho é indutiva, também, uma vez que procura conduzir o leitor, gradativamente, a conclusões que, somando-se e se complementando, levam a perceber a solidez e a pertinência atual das reflexões apresentadas nos dois primeiros capítulos. Metodologia indutiva, ainda, porque ao entrelaçar as duas áreas de conhecimento anteriormente explanadas, aponta conceitual e ilustrativamente, no terceiro capítulo, a consecução de seu objetivo e daquele geral, ao qual o conjunto da pesquisa se propôs.

A pesquisa, ainda, lança-se sobre os principais documentos magisteriais do Papa Francisco e sobre obras de autores renomados na área da arte sacra. Destaca-se Claudio Pastro e a sua obra: *A Arte no Cristianismo, Guia do Espaço Sagrado e O Deus da Beleza*. Outros autores foram visitados e diversas outras obras, de ambas as áreas – eclesiologia e liturgia – foram valorizadas para corroborar e explicitar os fundamentos e relações que a pesquisa buscou estabelecer.



## 1 A ECLESIOLOGIA SUBJACENTE AOS DOCUMENTOS E DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO

Com o avanço da modernidade e, sobretudo, com o advento da pós-modernidade, inúmeras questões emergem no horizonte eclesial, como o progresso tecnológico, a midiaticização, os novos meios de comunicação, a internet e muitas outras novidades. Neste período de mudanças pujantes e transformações cada vez mais radicais, poucas coisas são capazes de surpreender a sociedade. Porém, ainda que a secularização tenha avançado, em 11 de fevereiro de 2013 os olhos e ouvidos do mundo mais uma vez se detiveram em um pronunciamento do Papa Bento XVI. Sua renúncia foi o início de uma onda de transformações no papado moderno. Em meio à inúmeras denúncias de escândalos financeiros e abusos sexuais, esse ato parecia dar força à ideia de que a Igreja passaria por um período de grandes dificuldades.

Nesse clima de tensões e incertezas, em Roma, na noite de 13 de março de 2013, o mundo viu surgir uma figura simples na imponente sacada da Basílica de São Pedro. Rompendo os paradigmas, um latino-americano foi eleito à cátedra de Pedro. (Figura 1). Com uma saudação simples, uma paramentação sóbria e um pedido desconcertante, rezem por mim<sup>1</sup>, o jesuíta Jorge Mario Bergoglio inovou ao assumir o nome do Pobre de Assis. Cada uma das ações do misterioso Papa Francisco sugeria mudanças na estrutura e na ação pastoral da Igreja.

No decurso de sua bimilenar história, perante os novos desafios propostos pelo mundo, a Igreja tem se apercebido da necessidade de reconsiderar sua identidade e missão. A eleição de Bergoglio, alguém vindo do “fim do mundo”<sup>2</sup>, e a escolha do nome *Francisco* já prefiguravam uma nova perspectiva eclesiológica. A fim de firmar um compromisso com os mais pobres e vulneráveis, em entrevista dada no dia 16 de março de 2013, disse: “Ah, como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres!”<sup>3</sup>. Ao longo de seu pontificado, esse discurso tem se desdobrado em uma série de ações e pronunciamentos.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> FRANCISCO. **Primeira saudação do Papa Francisco**. Vaticano, 13 mar. 2013d. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130313\\_benedizione-urbi-et-orbi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html) >. Acesso em: 10 fev. 2023.

<sup>2</sup> FRANCISCO, 2013d, não paginado.

<sup>3</sup> FRANCISCO. **Discurso do santo padre Francisco**. Vaticano, 16 mar. 2013a. Não paginado. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/sp> >



Figura 1 – Eleição do Papa Francisco.

Fonte: Convento da Penha (2013). Disponível em:

<<https://conventodapenha.org.br/papa-francisco-conquista-o-mundo/>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Diante disso, coloca-se a seguinte questão: é possível, a partir das falas e documentos do atual Pontífice, individuar elementos que, no seu entender, ajudariam a Igreja a fazer frente aos desafios que se lhe apresentam em nossos dias? Assim esse primeiro capítulo busca definir os traços fundamentais da eclesiologia que Francisco pretende imprimir à Igreja.

### 1.1 UMA IGREJA VIRGEM E MÃE

A figura da Igreja como mãe não é uma “inovação” eclesiológica moderna. Desde os primórdios da cristandade a figura de Maria foi associada à da Igreja. Com a encíclica *Mater et Magistra*, São João XXIII, às vésperas do Concílio, buscou evidenciar a função da Igreja de “gerar filhos, e de os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos, cuja alta

---

[eches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.html](https://www.vatican.va/press-releases/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html)>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>4</sup> REPOLE, Roberto. **O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco**. Brasília: CNBB, 2018. p. 15.



dignidade ela sempre desveladamente respeitou e defendeu”<sup>5</sup>. O tema da maternidade da Igreja também foi retomado na constituição dogmática *Lumen gentium* em seu último capítulo.

Pelo dom e cargo da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas graças e prerrogativas singulares; a Mãe de Deus é a figura da Igreja, como já ensinava santo Ambrósio, quer dizer, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. De fato, no mistério da Igreja, a qual também se chama com razão virgem e mãe, à bem-aventurada Virgem Maria pertence o primeiro lugar, por ser, de modo eminente e singular, exemplo de virgem e de mãe.<sup>6</sup>

Desde modo o Concílio reafirmou a relação entre Maria e a Igreja presente na devoção popular e em pronunciamentos anteriores a ele. Em 21 de novembro de 1964, por ocasião do encerramento da terceira sessão do Concílio Vaticano II, São Paulo VI declarou a bem-aventurada Virgem Maria “*Mãe da Igreja, isto é, de todo o Povo de Deus, [...] que lhe chamam Mãe amorosíssima*”<sup>7</sup> e estabeleceu que “*com este título suavíssimo seja a Mãe de Deus doravante honrada e invocada por todo o povo cristão*”<sup>8</sup>.

Ao abordar a temática de Maria e a Igreja, o magistério de Bergoglio tem revelado uma verdadeira preocupação com a figura das mulheres e o seu papel na Igreja. A reflexão de Francisco, inclusive em seu modo pastoral e eclesial, fundamenta-se no Magistério do Concílio

---

<sup>5</sup> JOÃO XXIII. **Mater et Magistra**. Vaticano, 15 de maio 1961. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)>. Acesso em: 24 ago. 2023. MM 1.

<sup>6</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos da Igreja**: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197. p.cit. 188; LG 63.

<sup>7</sup> CONGRAGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. **Decreto sobre a celebração da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral**. Vaticano: 2018. Não paginado. Disponível em: < <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/03/03/0168/00350.html#portd>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

<sup>8</sup> CONGRAGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, 2018. Não paginado.

Vaticano II. Assim, Maria não poderia ser esquecida em sua eclesiologia.

Neste primeiro ponto da pesquisa, a abordagem acerca de Maria não quer estabelece-la como um pilar fundamental na eclesiologia de Francisco, mas, quer evidenciar que essa figura materna permeia a concepção do Papa sobre a Igreja. No decreto *Ecclesia Mater*, de 2018, a celebração de Maria como mãe da Igreja retoma sua noção patrística.

A partir das palavras de Santo Agostinho e de São Leão Magno. De fato, o primeiro diz que Maria é a mãe dos membros de Cristo porque cooperou, com a sua caridade, ao renascimento dos fiéis na Igreja. O segundo, diz que o nascimento da Cabeça é, também, o nascimento do Corpo, o que indica que Maria é, ao mesmo tempo, mãe de Cristo, Filho de Deus, e mãe dos membros do seu corpo místico, isto é, da Igreja. [...] Dedicada guia da Igreja nascente, Maria iniciou, portanto, a própria missão materna já no cenáculo, [...] Ao longo dos séculos, por este modo de sentir, a piedade cristã honrou Maria com os títulos, de certo modo equivalentes, de Mãe dos discípulos, dos fiéis, dos crentes, de todos aqueles que renascem em Cristo e, também, “Mãe da Igreja”, como aparece nos textos dos autores espirituais assim como nos do magistério de Bento XIV e Leão XIII.<sup>9</sup>

Se temos a figura materna de Maria aplicada à Igreja, temos também a devoção popular que sustenta essa afirmação. Ao recorrer às imagens da Catedral Basílica Menor Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, essa pesquisa visa apontar para o fato de Nossa Senhora ser um prólogo e uma síntese da Igreja do Papa Francisco. O Papa recorre a Maria para falar da Igreja, do mesmo modo como o templo mariano de Aparecida recorre à iconografia para expressar a fé eclesiológica.

O projeto arquitetônico e artístico do Santuário nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi idealizado pelos Missionários

---

<sup>9</sup> CONGRAGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018. Não paginado.

Redentoristas, junto ao clero brasileiro, em uma visão pós-Vaticano II. Os artistas convidados a idealizar este trabalho seguem as decisões conciliares do Concílio Ecumênico Vaticano II e das cartas pós-Concílio como indicação da vocação da Igreja que aspira manifestar a beleza que é Cristo. [...] Dentre as escolhas destaca-se o artista sacro Cláudio Pastro (1948-2016), pois seu projeto, junto com muito colaboradores, revestiu internamente grande parte da Basílica: piso, altar, painéis de azulejos, capela dos apóstolos, capela das velas, capela do santíssimo, capela do batismo, capela da ressurreição, cúpulas, baldaquino e o lindo trono da Santa Mãe de Deus.<sup>10</sup>

A relação entre a eclesiologia de Francisco e a eclesiologia expressa no Santuário de Aparecida só pode ser entendida quando se tem em mente as fontes de ambos. De um lado, temos o Papa argentino formado no período pós conciliar, de outro, temos o Santuário de Aparecida concebido arquitetonicamente no período pré-conciliar.

Desde sua concepção até os dias atuais, o Santuário Nacional manteve profunda ligação com as concepções eclesiológicas e litúrgicas vigentes. Desde a escolha do arquiteto, Benedito Calixto<sup>11</sup> até o já mencionado Cláudio Pastro.

A ligação de Benedito com o Santuário de Aparecida teve início em 1946, quando o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, então arcebispo de São Paulo, convidou o profissional para desenvolver os estudos da nova igreja. Calixto foi escolhido por sua grande experiência em arte sacra e liturgia, tendo projetado mais de

---

<sup>10</sup> PASTRO, Cláudio et al. **Basílica de Aparecida: a fé pela arte**. Aparecida: Editora Santuário, 2023. p. 4-5.

<sup>11</sup> Nasceu em Bebedouro (SP), em 27 de maio de 1906, filho de João Pedro de Jesus Neto e Fantina de Jesus Netto. Era neto do célebre pintor Benedito Calixto de Jesus, pelo lado materno. (RIBEIRO, Marília. **Você conhece o arquiteto que projetou o maior Santuário Mariano do Mundo?** 29 ago. 2019. Não Paginado. Disponível em: < <https://www.a12.com/santuاريو/noticias/voce-conhece-o-arquiteto-que-projetou-o-maior-santuاريو-mariano-do-mundo>>. Acesso em 24 ago. 2023)

200 igrejas em todo o território brasileiro. Para o desafio de projetar uma igreja que fosse grande o suficiente para acolher o número expressivo de devotos, Benedito Calixto realizou viagens aos Estados Unidos, Europa, México e outros países da América do Sul para estudos sobre arquitetura e liturgia nos ambientes sacros. A planta da nova Basílica de Nossa Senhora Aparecida foi concluída em 1949. Na ocasião, o arquiteto recebeu a importante missão de ir a Roma para apresentar o projeto à Comissão Romana de Arte Sacra, onde obteve aprovação. A partir disso, em dezembro de 1954, Calixto assinou o contrato para administração e fiscalização das obras no Morro das Pitas, local escolhido para a construção da nova casa da Senhora aparecida nas águas.<sup>12</sup>

A eclesiológica expressa no Santuário de Aparecida será evocada nesta pesquisa com o intuito de evidenciar que Aparecida e Francisco têm em comum uma linguagem eclesiológica extraída do Concílio Vaticano II, profundamente simbólica e iconográfica. Por isso, é pertinente vinculá-las.

## 1.2 UMA IGREJA PARA A MISSÃO

No coração da eclesiologia de Francisco está a missão. O Papa retoma o método conciliar de questionar a Igreja acerca de sua identidade, para, a partir dela, reafirmar sua missão. O decreto conciliar *Ad Gentes* afirma que: “a Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser *sacramento universal de salvação*, por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens”<sup>13</sup>.

Francisco afirma que a Igreja toda deve estar em constante *saída*. A missão proposta por ele não se refere estritamente à ação, mas a um espírito constante e a uma consciência comum que devem permear todos os fiéis:

---

<sup>12</sup> RIBEIRO, 2019, Não Paginado.

<sup>13</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Ad Gentes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos da Igreja**: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 431-489. p. cit. 431-432; AG 1. Grifo nosso.

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de *saída*, que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12,1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: *Vai, Eu te envio* (Ex 3,10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3,17). A Jeremias disse: *Irás aonde Eu te enviar* (Jr 1,7). Naquele *ide* de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova *saída* missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.<sup>14</sup>

Segundo Francisco, para que a Igreja se coloque efetivamente em *saída*, ela precisa de uma verdadeira conversão pastoral. Essa conversão precisa atingir as pessoas em suas diferentes esferas sociais, começando pelas famílias e contando com o empenho de todos os cristãos. A ação missionária da Igreja exige que toda Igreja se empenhe num anúncio profundo e encarnado do Evangelho. Na exortação *Amoris Laetitia*, ele afirma: “é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas”<sup>15</sup>.

O bispo de Roma convoca constantemente os jovens para se engajarem nesse anúncio e testemunho de Jesus. O papel do jovem na Igreja é o de torná-la jovem também. Na *Evangelii Gaudium*, Bergoglio reafirma que o anúncio do Evangelho precisa ser um “anúncio renovado”<sup>16</sup>, visto que:

Cristo é a *Boa-Nova de valor eterno* (Ap 14,6), sendo *o mesmo ontem, hoje e pelos séculos* (Hb 13,8), mas a sua riqueza e a sua beleza são

---

<sup>14</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas. 2013. p. 19-20; EG 20. Grifos do autor.

<sup>15</sup> FRANCISCO. *Amoris Laetitia*. Brasília: CNBB. 2º edição. 2016. p. 124; AL 201.

<sup>16</sup> FRANCISCO, 2013, p. 11; EG 11.

inesgotáveis. Ele é sempre jovem, e fonte de constante novidade. [...] Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a nossa proposta cristã.<sup>17</sup>

Dessa forma, os jovens têm, por sua condição, a função de renovação do vigor evangélico e, ao mesmo tempo, o papel de ser um testemunho visível, por meio de sua própria juventude, da novidade cristã, visto que, “ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração. Assim, uma instituição tão antiga como a Igreja pode se renovar e voltar a ser jovem em diversas etapas de sua longa história”<sup>18</sup>.

A constante renovação da Igreja e de seu vigor missionário é o primeiro passo para que ela desempenhe seu papel evangelizador. Não é possível uma Igreja renovada e missionária, a serviço do anúncio da Boa-Nova sem se renovar o modo de evangelizar, bem como as estruturas que por vezes levam a Igreja ao fechamento.

A Igreja de Cristo sempre pode cair na tentação de perder o entusiasmo, porque já não escuta o chamado do Senhor para o risco da fé, a dar tudo sem medir os perigos, e voltar a buscar falsas seguranças mundanas. São precisamente os jovens que podem ajudá-la a se manter jovem, a não cair na corrupção, a não se acomodar, a não se orgulhar, a não se tornar uma seita, a ser mais pobre e testemunhal, a estar próxima dos últimos e descartados, a lutar por justiça, a se deixar interpelar com humildade.<sup>19</sup>

A convocação do Romano Pontífice aos jovens é em vista da renovação de toda Igreja em seu empenho missionário. Os jovens “são o agora de Deus”<sup>20</sup>, assim como o anúncio do Evangelho precisa ser atual e expansivo. A missão evangélica uma vez que renova a própria Igreja

---

<sup>17</sup> FRANCISCO, 2013, p. 11-12; EG 11. Grifos do autor.

<sup>18</sup> FRANCISCO. **Christus Vivit**. São Paulo: Paulus, 2019. p. 19; CV 34.

<sup>19</sup> FRANCISCO, 2019, p. 20; CV 37.

<sup>20</sup> FRANCISCO. **Homilia do santo padre na santa missa da celebração da jornada mundial da juventude**. Metro Park - Panamá, 27 jan. 2019a. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco\\_20190127\\_omelia-gmg-panama.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190127_omelia-gmg-panama.html)>.

Acesso em: 16 fev. 2023.

também a leva a uma expansão geográfica e existencial. O convite a missão é para que o Evangelho ressoe em toda a terra, em suas periferias geográficas e existenciais.<sup>21</sup>

A alegria do testemunho deve atingir as misérias humanas, cada comunidade deve esforçar-se para fazer do mundo uma *Casa Comum*. A missão precisa ser um processo de inculturação, para que o Evangelho se difunda de forma profunda na sociedade. A partir das figuras bíblicas, e especialmente da experiência dos setenta e dois, Bergoglio propõe a dilatação do Reino de Deus, por meio de uma cooperação eclesial e social, como expressão da acolhida do Evangelho.<sup>22</sup> (Figura 2).

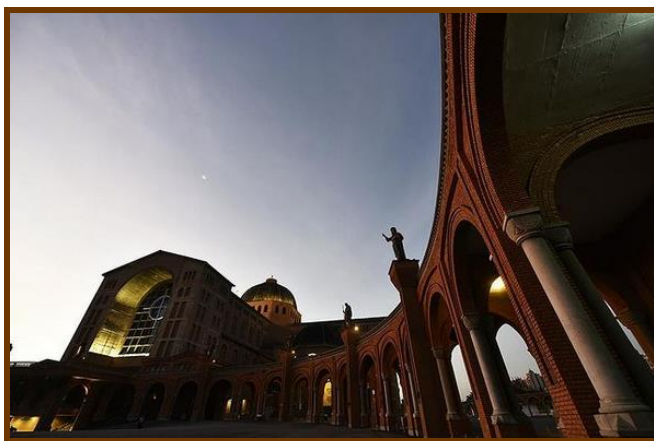


Figura 2 – Colunata.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/BZKA7PFllor/>>. Acesso em: 14 jun. 2023.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> FRANCISCO, 2019, p. 70; CV 177.

<sup>22</sup> FRANCISCO, 2013, p. 111; EG 132.

<sup>23</sup> Colunata, na arquitetura, é uma sequência de colunas ligadas em entablamento. Essa estrutura autônoma de forma curva projeta o edifício de modo que a edificação ao mesmo tempo que ocupa um espaço maior, cria um vão entre os braços da estrutura. A mais famosa colunata curva elíptica é a de Gian Lorenzo Bernini para envolver a Praça de São Pedro. De modo simbólico essa estrutura representa o avanço da Igreja em meio ao mundo, símbolo de uma evangelização inculturada, pois abraça o mundo, sem se diluir nele ou sem se deixar envolver por ele. Estruturas como o nártex e o átrio também têm essa função de estabelecer uma transição entre o espaço interno e o externo da igreja.

A dimensão missionária da Igreja precisa ser concebida em dois âmbitos: o primeiro deles é o pessoal e intraeclesial, o segundo é o comunitário, extraeclesial. Em sua dimensão pessoal e intraeclesial, a missão é um convite para que cada cristão se entenda como uma missão e em missão, visto que a vocação comum a todos os fiéis é a santidade. “Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, em um momento determinado da história, um aspecto do Evangelho”<sup>24</sup>. Embora a Trindade seja o sentido e modelo pleno da missão da Igreja, cada fiel incorporado à Trindade, por meio de Cristo, e da Igreja pelo batismo, é chamado a ser um sinal, um anúncio da santidade. É importante ter em vista a totalidade de cada pessoa, não apenas os gestos e ações isoladas. Dessa forma, o cristão pode se entender como uma missão.<sup>25</sup>

Em sua dimensão mais ampla, a missão da Igreja é espargir o Reino de Deus a todos os cantos da Terra. A partir do mandato do Senhor “ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado”<sup>26</sup>. A partir dessa ordem e da experiência com o Ressuscitado, a Igreja deve compreender-se em constante necessidade de expansão. Nas palavras de Francisco, “a Igreja *em saída* é a comunidade de discípulos missionários que *primeireiam*, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”<sup>27</sup>. É necessário que a Igreja esteja sempre *aberta* e *em saída*, e não estática esperando ser procurada, o que, contudo, já seria de grande avanço. O convite constante à missão é para sair das velhas estruturas, físicas e ideológicas, em busca da novidade do Evangelho.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a

---

Dessa forma essas estruturas também favorecem essa compreensão de distinção, sem dualismo entre a fé celebrada e a vida cotidiana.

<sup>24</sup> FRANCISCO. **Gaudete et Exultate**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 16; GE 19.

<sup>25</sup> FRANCISCO, 2018, p. 17; GE 22.

<sup>26</sup> BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016; Mt 28, 19-20.

<sup>27</sup> FRANCISCO, 2013, p. 21; EG 24. Grifo do autor.



conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de *saída* e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade.<sup>28</sup>

Entender-se como Igreja sem a noção missionária, é fazer da própria Igreja uma estrutura caduca. Esse risco de uma “introversão eclesial” já era apontado por São João Paulo II, em 2001, em sua exortação apostólica sobre a Igreja na Oceania<sup>29</sup>. Os tantos desafios do mundo atual, a diversidade cultural, o modelo econômico e o modo político de se gerir a sociedade poderiam ser evocados como boas justificativas para uma atitude mais conservadora perante o tema da missão. Contudo, a catolicidade professada dentro de nossas igrejas não pode resvalar perante os cenários múltiplos da sociedade moderna. O risco de uma “sacralização da própria cultura”<sup>30</sup> é sempre um desafio para a Igreja. Servindo-se de um pensamento de São João Paulo II, escrito na carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*<sup>31</sup>, o Papa Francisco recorda que “nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra a *beleza deste rosto pluriforme*”<sup>32</sup>. É preciso que a Igreja não se esqueça do ardor missionário ainda que alguns homens ou estruturas não estejam dispostos a mudar seus estilos de vida, pois permeia, profundamente, a noção eclesiológica da Igreja a sua missionariedade.

O mundo ainda não o sab, mas todos são convidados para o banquete das núpcias do

---

<sup>28</sup> FRANCISCO, 2013, p. 26; EG 27. Grifo do autor.

<sup>29</sup> JOÃO PAULO II. **Ecclesia in Oceania**. Vaticano, 22 de nov. 2001a. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_20011122\\_ecclesia-in-oceania.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20011122_ecclesia-in-oceania.html)>. Acesso em: 18 fev. 2023. EO 19.

<sup>30</sup> FRANCISCO, 2013, p. 99; EG 117.

<sup>31</sup> JOÃO PAULO II. **Millenio Ineunte**. Vaticano, 6 de jan. 2001b. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.htm](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.htm)>. Acesso em: 19 fev. 2023.

<sup>32</sup> FRANCISCO, 2013, p. 99; EG 116. Grifo do autor.

*Cordeiro* (Ap 19,9). Para ter acesso a Ele só precisa da veste nupcial da fé que vem da escuta da sua Palavra (cf. Rm 10,17): a Igreja prepara-a à medida com a alvura de um tecido *lavado no Sangue do Cordeiro* (cf. Ap 7,14). Não deveríamos ter um instante sequer de repouso, sabendo que nem todos ainda receberam o convite para a Ceia ou que outros o esqueceram ou perderam nas sendas tortuosas da vida dos homens. Por isso disse *que sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo*, [...] EG, n. 27): para que todos se possam sentar à Ceia do sacrifício do Cordeiro e d’Ele viver.<sup>33</sup>

Assim, na *Desiderio Desideravi*, Francisco propõe no horizonte escatológico de sua eclesiologia missionária, uma mesa. A Igreja não recebe como missão uma doutrina a ser pregada, ou uma verdade a ser anunciada. A missão da Igreja está sintetizada em uma mesa. Mesa na qual todos têm um lugar. (Figura 3).



Figura 3 – Presbitério de Aparecida.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ckncbd2pknt/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>33</sup> FRANCISCO. *Desiderio Desideravi*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 10; DD 5.

A missão deve permear-se de misericórdia inclusiva. A inclusão da diversidade não contradiz, mas reforça a santidade eclesial. A missão vista como um processo de inculturação reafirma a catolicidade da Igreja sem se contrapor à sua unicidade, pois tanto uma quanto outra são suscitadas pelo Espírito Santo. Ele convida a todos para serem convivas no Reino de Deus.<sup>34</sup>

Dirigindo-se de modo especial à Igreja amazônica, mas também a toda a Igreja, o Pontífice argentino adverte para a inculturação como um movimento necessário para a atualização do Evangelho. Uma cultura que assume o evangelho, ou o evangelho que se tornou cultura, conforme afirmou São João Paulo II, é o testemunho mais forte de que o anúncio de Jesus ainda está vivo e se faz necessário. Retomando o pensamento de São Vicente de Lerins e uma antiga expressão de Gustav Mahler, Francisco declara que essa noção de evangelização inculturada é autenticamente tradicional, pois:

Trata-se da Tradição autêntica da Igreja, que não é um depósito estático nem uma peça de museu, mas a raiz de uma árvore que cresce. É a Tradição milenar que testemunha a ação divina no seu povo e cuja *missão é mais manter vivo o fogo, do que conservar as suas cinzas*.<sup>35</sup>

A certeza de que “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”<sup>36</sup> é o que deve assegurar aos evangelizadores a certeza de que o Evangelho e a cultura local não são contrapostos, mas realidades que podem levar a Deus. Vale sempre lembrar que nem todas as culturas são conciliáveis com o Evangelho. A cultura do descarte, do endeusamento do dinheiro, da desigualdade que leva à violência das guerras e tantas outras que o Papa aponta ao longo de sua exortação apostólica, são culturas que justamente precisam se deparar com o anúncio do Evangelho para serem transformadas. Por isso, a necessidade de ser missionário nos dias atuais. Dessa forma, a missão de cada cristão e da Igreja é necessária e ao mesmo tempo delicada, pois deve ser um processo de permear-se do Evangelho a ponto de transbordá-lo ao mundo.

---

<sup>34</sup> FRANCISCO, 2013, p. 110; EG 131.

<sup>35</sup> FRANCISCO. **Querida Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 37; QA 66. Grifo do autor.

<sup>36</sup> FRANCISCO, 2013, p. 97; EG 115.

### 1.3 UMA IGREJA MISERICORDIOSA

Da mesma forma como a missão é o grande motivo de existir da Igreja, a misericórdia, mais do que um aspecto do evangelho, é apontada pelo Papa Francisco como uma síntese da espiritualidade cristã e de sua ação pastoral. Já em sua eleição para o episcopado, ele recorreu a Beda, o Venerável, para escolher o seu lema: *Miserando atque eligendo*.<sup>37</sup> Bergoglio quis marcar seu ministério pela misericórdia. Mais tarde, movido por esse mesmo espírito, com a proclamação do ano extraordinário da misericórdia, Francisco convocou a Igreja para se tornar uma verdadeira casa de misericórdia:

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo.<sup>38</sup>

A Igreja de Francisco compreende-se, então, como dispensadora da misericórdia e necessitada dela para prosseguir em sua missão. A compreensão de uma Igreja necessitada e dispensadora da misericórdia desdobra-se da noção acerca do surgimento e da constituição da Igreja. Para o pontífice, “a Igreja somos todos nós!”<sup>39</sup>. Essa noção, profundamente enraizada no Concílio Vaticano II, de “Igreja povo de Deus”<sup>40</sup>, pode evidenciar as fragilidades da Igreja e de seus membros.

A Igreja é uma realidade muito mais vasta, que se abre a toda humanidade e não nasce num laboratório; a Igreja não nasceu num laboratório, não nasceu repentinamente. É fundada por Jesus, mas constitui um povo com uma longa história

---

<sup>37</sup> “Olhou para mim com olhos de misericórdia e me escolheu”. Tradução nossa.

<sup>38</sup> FRANCISCO. **Misericordiae Vultus**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015. p. 13; MV 10.

<sup>39</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 18 jun. 2014b. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco\\_20140618\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco_20140618_udienza-generale.html)>. Acesso em: 05 fev. 2023.

<sup>40</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 119; LG 13.

atrás de si e uma preparação que começa muito antes do próprio Cristo.<sup>41</sup>

Ao evocar a historicidade da Igreja desde os tempos anteriores a Cristo, o Pontífice resgata a dimensão antropológica desta realidade tão complexa que é a Igreja. Deste modo, ele busca descortinar “a história da fidelidade de Deus e da infidelidade do povo”<sup>42</sup>. Tal desvelamento visa, como Oséias, mostrar a paternidade de Deus que constituiu a Igreja para ser seu povo: “Caminhei contigo e ensinei-te a caminhar, como um pai ensina o seu filho”<sup>43</sup>. Diante das experiências de egoísmo e dureza de coração, Francisco reitera a necessidade do amor misericordioso de Deus.

Como já dito, a misericórdia evocada por Francisco remete ao ser e ao agir de Deus. Já no Primeiro Testamento, esse amor misericordioso é expresso pelo termo *hesed*<sup>44</sup>, pelo qual Deus permanece fiel à aliança apesar da infidelidade de Israel, uma característica marcante de Deus. Deus é fiel, porque o seu amor é misericordioso e se volta também àqueles que lhe pertencem, à sua Igreja, proeminentemente. Justamente, por ser objeto privilegiado da lealdade divina, que se traduz em amor de misericórdia, seu povo é chamado a ser dispensador desse amor. É devido a este amor misericordioso de Deus, que somos chamados à santidade, pois “olhar e agir com misericórdia: isso é santidade.”<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> FRANCISCO, 2014b, não paginado.

<sup>42</sup> FRANCISCO, 2014b, não paginado.

<sup>43</sup> Os 11, 3-4.

<sup>44</sup> Esse termo hebr. foi constantemente traduzido, na Septuaginta, pelo termo gr. *éleos*, que aí se encontra cerca de 400 vezes; e ambos, por sua vez, na Vulgata, correspondem ao lat. *misericórdia*. Em 1927, porém, uma tese de doutorado de Nelson Glueck, traduzida em inglês como *Hesed in the Bible*, veio questionar essa unanimidade. Seu ponto de partida foi a crescente hipótese de que Israel estava ligado à sua divindade por meio da aliança, tais como os tratados dos hititas e de outros povos. Assim, JHWH seria alguém que se relaciona com Israel basicamente dessa maneira. Os Dez Mandamentos, p. ex., seriam estipulações da aliança; as vitórias de Israel, eram recompensa por guardar a aliança; sua apostasia, era violação da aliança; e o *hesed* divino não seria basicamente misericórdia, mas lealdade em face das obrigações da aliança, uma lealdade que os israelitas também deviam demonstrar. (PEREIRA, Ney Brasil. *Misericórdia, amor bondade: a misericórdia que Deus quer. Encontros Teológicos*: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 30, n. 2, p. 125 – 138, 2015. p. 127.)

<sup>45</sup> FRANCISCO, 2018, p. 43; GE 83.

Com a proclamação do ano santo da misericórdia, o Santo Padre procurou reavivar a importância dessa dimensão na vida e na fé dos cristãos, visto que “há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai.”<sup>46</sup> Mais do que isso, o Papa entende o encontro e a experiência com o Amor-misericordioso de Deus, derramado na Páscoa de Jesus, o fundamento de toda vida cristã:

A fé cristã ou é encontro com Ele vivo, ou não é. A Liturgia garante-nos a possibilidade desse encontro. Não nos basta ter uma vaga recordação da última Ceia: nós precisamos de estar presentes nessa Ceia, de poder ouvir a sua voz, de comer o seu Corpo e beber o seu Sangue: precisamos d’Ele. [...] A potência salvífica do sacrifício de Cristo, de qualquer das suas palavras, de todos os seus gestos, olhares, sentimentos alcança-nos na celebração dos sacramentos. [...] O Senhor Jesus, que *foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto, mas agora vive para sempre*, continua a perdoar-nos, a curar-nos, a salvar-nos com a potência dos seus sacramentos. É o modo concreto, pela via da encarnação, com que nos ama; é o modo com que sacia aquela sede de nós que declarou na Cruz (cf. *Jo* 19, 28).<sup>47</sup>

A Igreja torna-se, então, um ícone da misericórdia, pois ela mesma precisa estar em constante processo de encontro e reencontro com a misericórdia. “Eis no que consiste a santidade da Igreja: em reconhecer-se à imagem de Deus, repleta de sua misericórdia e graça”<sup>48</sup>. Da singular parábola do Pai Misericordioso, extraída do livro de Lucas, o Pontífice argentino serviu-se para reafirmar que a misericórdia de Deus é o que garante a certeza de sermos readmitidos como seus filhos amados. Mesmo com nossas falhas, Deus não se fecha a nós, mas compassivamente nos aguarda. Essa deve ser a imagem expressa em

---

<sup>46</sup> FRANCISCO, 2015. p. 6; MV 3.

<sup>47</sup> FRANCISCO, 2022, p. 12; DD 10-11. Grifo do autor.

<sup>48</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 27 ago. 2014c. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco\\_20140827\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140827_udienza-generale.html)>. Acesso em: 07 fev. 2023.

cada igreja e em cada cristão: “a misericórdia é uma festa!”<sup>49</sup> e dessa festa ninguém está excluído. Por isso, é indispensável que a Igreja anuncie a misericórdia.

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser repropósito com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada.<sup>50</sup>

Reconhecer que Deus é misericordioso deve levar-nos a anunciar tal fato. Francisco recorda as palavras de São João Paulo II que afirmou na encíclica *Dives in misericordia* que: “a Igreja vive uma existência autêntica quando professa e proclama a misericórdia e aproxima os homens das fontes da misericórdia”<sup>51</sup>.

O fato de nos reconhecermos como alvos da misericórdia não nos deve levar a uma atitude de estagnação ou consolação individual. A experiência profunda da misericórdia configura-nos como “missionários da misericórdia, e ser missionários permite-nos crescer cada vez mais na misericórdia de Deus.”<sup>52</sup> A misericórdia é um apelo à paz entre os homens que só pode ser alcançada por meio da prática do perdão e da humildade (Figura 4).

---

<sup>49</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 13 jan. 2016a. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160113\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160113_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 fev. 2023.

<sup>50</sup> FRANCISCO, 2015. p. 15; MV 12.

<sup>51</sup> JOÃO PAULO II. **Dives in misericordia**. Vaticano, 30 nov. 1980. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30111980\\_dives-in-misericordia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html)>. Acesso em: 13 fev. 2023. DM 13.

<sup>52</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 30 jan. 2016b. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160130\\_udienza-giubilare.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160130_udienza-giubilare.html) >. Acesso em: 12 fev. 2023.



Figura 4 – Papa diante dos sultões.

Fonte – Jesuítas Brasil. Disponível em: <<https://jesuitasbrasil.org.br/2019/04/12/papa-francisco-beija-os-pes-de-lideres-do-sudao-do-sul-e-pede-paz/>>. Acesso em: 14 jun. 2023.<sup>53</sup>

Assim, a vocação à santidade encontra em Jesus seu fundamento e modelo no serviço por ele prestado à humanidade. O amor cristão revela-se no serviço, em Cristo foi-nos revelado que “o amor não são palavras, são obras e serviço”<sup>54</sup>. Desta forma, “ser misericordiosos como o Pai significa seguir Jesus pelo caminho do serviço”<sup>55</sup>. A Igreja, aos olhos de Francisco, precisa reestabelecer essa ligação indissolúvel entre: ser Igreja – pertencer a Cristo – ser chamado a santidade e reconhecer-se como missionário da misericórdia.

---

<sup>53</sup> O gesto surpreendente do Papa remonta ao ato de Cristo no lava-pés, não uma busca por condenação àqueles que enveredaram por caminhos obscuros. A misericórdia tem em seu cerne reconhecer o valor do outro, sem a pretensão de ocupar um lugar de juiz ou mestre da verdade. “Dei-vos um exemplo para que, como Eu vos fiz, também vós o façais.” (Jo 13,15).

<sup>54</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 12 mar. 2016c. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160312\\_udienza-giubilare.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160312_udienza-giubilare.html)>. Acesso em: 12 fev. 2023.

<sup>55</sup> FRANCISCO, 2016c, não paginado.



## 1.4 UMA IGREJA PARA A CASA COMUM

O que é a Igreja? Onde está a Igreja? É, de fato, comum identificar a Igreja com o templo ou com um membro da hierarquia. A Igreja, contudo, é muito mais do que isso. Nas palavras do Papa Francisco, a Igreja “é o corpo de Cristo, edificado no Espírito Santo.”<sup>56</sup> Ao se falar de corpo, fala-se de algo visível, tangível, institucional. Com efeito, “todos os batizados somos a Igreja, a Igreja de Jesus. Todos aqueles que seguem o Senhor Jesus e que, no seu nome, se fazem próximos dos últimos e dos sofredores [...] Todos aqueles que fazem o que o Senhor mandou são a Igreja”<sup>57</sup>. Essa noção da Igreja na história, visível e atuante, não contradiz a realidade espiritual, misteriosa, também constitutiva da Igreja. A Igreja não é formada de duas realidades coexistentes, mas suas dimensões histórica e trans-histórica constituem uma só realidade. Então, embora não se limite à história, a Igreja, estando na história, ocupa-se dos assuntos comuns a todos os seres humanos, como o cuidado com o planeta.

No horizonte eclesiológico de Francisco, a ecologia é, de fato, um tema muito relevante e com grandes desdobramentos missionários. Ele propõe à Igreja buscar, em suas fontes mais profundas, razões que a coloquem em diálogo com o mundo, em torno dos temas mais pertinentes. Para Francisco, o cristão precisa retomar sua consciência criatural e, desse modo, recordar que se situa numa categoria comum a todos os seres extra-trinitários.<sup>58</sup>

Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece. A liberdade humana pode prestar a sua contribuição inteligente para uma evolução positiva, como pode também acrescentar novos males, novas causas de sofrimento e verdadeiros atrasos. Isto dá lugar à apaixonante e dramática

---

<sup>56</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 29 out. 2014d. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco\\_20141029\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141029_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 fev. 2023.

<sup>57</sup> FRANCISCO, 2014d, não paginado.

<sup>58</sup> FRANCISCO. **Laudato Si'**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015. p. 31; LS 43.

história humana, capaz de transformar-se num desabrochamento de libertação, engrandecimento, salvação e amor, ou, pelo contrário, num percurso de declínio e mútua destruição. Por isso, a Igreja, com a sua ação, procura não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e *sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo*.<sup>59</sup>

Dessa forma, em sua missão salvífica, a Igreja não pode se eximir da questão ecológica, visto que ela própria é, faz parte e deve estar a serviço da Casa Comum. Ademais, na tradição judaico-cristã, a criação não é um tema periférico; pelo contrário, ocupa lugar central e tem sido considerado com grande profundidade teológica, visto que esse tema tem um profundo apelo escatológico.

A temática acerca da *conversão ecológica global* e a abordagem sobre assuntos de interesse mundial já foi confrontada por São João Paulo II, em sua encíclica *Redemptor Hominis*, de março de 1979. Na carta apostólica *Octogesima Adveniens*, São Paulo VI também abordou o tema da exploração da natureza. Essas referências reafirmam o fato de a Igreja não poder se manter alheia às realidades humanas, como que num lugar etéreo, no qual a problemática terrena não lhe afetasse. A temática ecológica também foi reforçada pela encíclica *Caritas in Veritate*, de Bento XVI. Ele, ao abordar o tema, escreveu: “a degradação da natureza está estritamente ligada à cultura que molda a convivência humana”<sup>60</sup>. Assim, a relação entre as fragilidades das relações humanas, a ganância, a falta de caridade... e a degradação da natureza já fora apontada.

As vozes dos romanos pontífices somam-se às vozes de inúmeros movimentos sociais e políticos que se detêm sobre essas causas. Francisco tem convocado a Igreja a reunir-se, interna e externamente, para fazer do mundo um lugar mais acolhedor e igual. Na encíclica *Laudato si* e mais recentemente na *Fratelli tutti*, o Papa propõe uma cooperação em vista do bem comum.

---

<sup>59</sup> FRANCISCO, 2015, p. 52; LS 79. Grifo do autor.

<sup>60</sup> BENTO XIV. **Caritas in Veritate**. Vaticano, 29 jun. 2009. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html)>. Acesso em: 18 fev. 2023. CIV 51. Grifo do autor.

Dizer *criação* é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal.<sup>61</sup>

O Papa argentino discorda das posições que consideram a ecologia como um bem em si mesmo e chegam a propor que a defesa da natureza esteja acima do empenho pelo desenvolvimento humano integral. Na perspectiva cristã, alerta o Bispo de Roma, uma concepção ecológica desvinculada do compromisso com a defesa da vida e da dignidade humana incorre em desequilíbrios.

Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta.<sup>62</sup>

A questão ambiental, na visão de Francisco, não se dá por um mero ativismo popular. Como o pecado afetou também a criação, torna-se missão da Igreja levar à salvação também todas as coisas criadas. Para o Pontífice, embora o ser humano possua uma dignidade peculiar, as demais coisas criadas também devem ser alvo da ação pastoral, sem divinizá-las ou instrumentalizá-las, mas compreendendo que existe uma comunhão que se estende a todas as obras do Senhor.<sup>63</sup> Com efeito, o tema da natureza empregado desde os primórdios da arte cristã faz forte apelo ao mistério da redenção, pois, a natureza decaída pelo pecado também será transfigurada no novo Éden. (figura 5).

---

<sup>61</sup> FRANCISCO, 2015, p. 51; LS 76.

<sup>62</sup> FRANCISCO, 2015, p. 59; LS 91.

<sup>63</sup> FRANCISCO, 2015, p. 58; LS 89.



Figura 5 – Baldaquino.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/cpvmsw-pyqe/>>. Acesso em: 14 jun. 2023.<sup>64</sup>

No coração da crise ecológica que atravessamos, está a ganância e a instrumentalização do outro e da natureza com vistas a lucros e benefícios imediatos. Ao deixar de lado sua condição criatural e seu fim escatológico, o homem passa a ver o mundo como um meio de satisfazer suas aspirações mais gananciosas e materialistas. Ao contrário disso, a economia e a ecologia precisam ter em vista a noção de casa comum.

*Nesta cultura que estamos a desenvolver, vazia, fixada no imediato e sem um projeto comum, é previsível que, perante o esgotamento de alguns recursos, se vá criando um cenário favorável*

---

<sup>64</sup> O baldachino de Aparecida ilustra os biomas e a fauna brasileira, bem como quatro anjos com traços profundamente humanos. Na cúpula está a árvore da vida, que recorda o jardim do Éden. Dessa forma, a mensagem da criação, do pecado e da redenção se entrelaçam abraçando a cruz suspensa. “O altar da celebração do Mistério Pascal – a Santa Missa – é o centro da vida cristã e, simbolicamente, é o centro do universo, o centro verdadeiro que abençoa a terra e os filhos de Deus [...] Com este grandioso trabalho, a consciência crítica quer mostrar que Cristo é Redentor do Cosmo. A partir da revelação divina, por meio de seu Filho Único, Jesus Cristo, o universo volta a ter conotação sagrada, isto é, cada planta, animal, mineral e pessoa é dom de Deus e não é propriedade de ninguém”. (PASTRO, 2023, p. 54.)

*para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações.*<sup>65</sup>

A busca pelo desenvolvimento econômico precisa ocorrer de modo integral, isto é, levando em conta o ganho financeiro, mas também o sustentável. Já na *Populorum progressio*, São Paulo VI alertava para os riscos de uma economia que não levava em conta o desenvolvimento integral do ser humano.<sup>66</sup> Sem a noção de comunidade não é possível falar em sociedade mais fraterna e muito menos em Igreja.

O sentido comunitário deve estar profundamente vigente nas ações cristãs. Sem a noção de comunidade o termo “Igreja” perde todo o seu significado. A exemplo dos povos nativos da Amazônia, Francisco convida a Igreja e todos os homens de boa vontade a tomarem consciência da importância das ações que visam o bem comum, pois: “a vida é um caminho comunitário onde as tarefas e as responsabilidades se dividem e se compartilham em função do bem comum”.<sup>67</sup>

O convite para que a Igreja seja um *sacramento universal de salvação*<sup>68</sup> não admite mais uma relação de mera associação entre os cristãos. Isto é, uma relação que não leva em conta a interioridade inerente ao fato de pertencer à Igreja. A visão de uma Igreja dissociada da realidade encontra-se permeada da compreensão de São Roberto Bellarmino (1542-1621) acerca da Igreja.

Igreja é o agrupamento das pessoas (coetus hominum) reunidos pela profissão da verdadeira fé, pela comunhão nos mesmos sacramentos, e sob o governo dos legítimos pastores e principalmente do único vigário de Cristo sobre a terra, o romano pontífice... Para que alguém possa ser declarado membro desta verdadeira Igreja, de que falam as Escrituras, nós não pensamos que lhe seja exigida nenhuma virtude interior. Basta a profissão exterior da fé e da comunhão nos sacramentos, coisas que os próprios sentidos

---

<sup>65</sup> FRANCISCO. **Fratelli Tutti**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 18; FT 17. Grifo do autor.

<sup>66</sup> PAULO VI. **Populorum Progressio**. Vaticano. 1967. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)>. Acesso em: 18 fev. 2023. PP 14.

<sup>67</sup> FRANCISCO, 2020. p. 15; QA 20.

<sup>68</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 172; LG 48.

podem constatar... A Igreja é, de fato, um agrupamento de pessoas tão visível e palpável como o agrupamento do povo romano, o reino da França, ou a república de Veneza.<sup>69</sup>

A Igreja sacramento também não pode ser vista como uma associação entre tantas outras que têm por objetivo apenas causas ecológicas. Todavia, diante do consumismo e do descarte de bens e pessoas, o risco que se apresenta às relações eclesiais é o de retorno à eclesiologia que vê a Igreja como uma *societas perfecta inaequalis hierarchica*<sup>70</sup>. O convite à proximidade fraterna exige que se deixe de lado não só o egoísmo consumista, mas também a visão do outro como um *socio*. Este modo de ver o outro pressupõe que se tenha em vista algum benefício ou a simples união pelos interesses em comum.<sup>71</sup> A pertença a Igreja nasce do batismo e, por isso, não se trata de algo meramente exterior ao fiel. Francisco reitera essa ligação estabelecida no batismo.

O nosso fazer parte da Igreja. Não é um dado exterior e formal, não consiste em preencher um papel que nos dão, mas é um gesto interior e vital; não se pertence à Igreja como se pertence a uma sociedade, a um partido ou a uma organização qualquer. O vínculo é vital, como aquele que temos com a nossa mãe.<sup>72</sup>

O cuidado para que o mundo seja uma casa comum, onde todos tenham um espaço digno, deve ser buscado ainda mais pelos membros da Igreja que fazem parte de um único corpo e buscam a comunhão. Outra premissa que reafirma a busca de relações mais fraternas é a da dignidade inerente a cada ser humano. Visto que “os seres humanos são iguais”, “o simples fato de ter nascido num lugar com menores recursos

---

<sup>69</sup> ALMEIDA, Antônio José. *Lumen Gentium: a transição necessária. Encontros Teológicos*: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 19, n. 39, p. 6 – 41, 2004. p. 27.

<sup>70</sup> Sociedade perfeita desigual hierárquica. Tradução Nossa.

<sup>71</sup> FRANCISCO, 2020, p. 58; FT 102.

<sup>72</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 11 set. 2013e. Não paginado. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130911\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130911_udienza-generale.html)>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ou menor desenvolvimento não justifica que algumas pessoas vivam menos dignamente”<sup>73</sup>. O pontífice reafirma que é necessário estabelecer na sociedade a *amizade social* e uma *fraternidade universal* que se baseiam na noção de “quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância”<sup>74</sup>. A busca por relações humanas fraternas é a base e ao mesmo tempo uma consequência de uma autêntica defesa da criação.

Quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade. Portanto, é verdade também que a indiferença ou a crueldade com as outras criaturas deste mundo sempre acabam de alguma forma por repercutir-se no tratamento que reservamos aos outros seres humanos. O coração é um só, e a própria miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras pessoas. [...] Não podemos considerar-nos grandes amantes da realidade, se excluímos dos nossos interesses alguma parte dela: *Paz, justiça e conservação da criação*.<sup>75</sup>

Assim, Francisco exorta a Igreja a se tornar um ícone das causas ecológicas, não para ser bem vista diante das mídias, mas porque é da essência eclesial ser “*mistério de comunhão*”<sup>76</sup>. Para que tal mistério seja mais visível e fortalecido, a causa ecológica torna-se um aspecto indispensável. Descartar a relação entre o ser humano e a criação é pôr em xeque o plano original do próprio Deus que criou todas as coisas para viverem em harmonia.

Outra forma de ver a ecologia é aos olhos da escatologia. Estabelecer relações mais saudáveis e equilibradas já neste mundo, é antecipar o que será a plena comunhão e unidade no Reino futuro.

---

<sup>73</sup> FRANCISCO, 2013. p. 159; EG 190.

<sup>74</sup> FRANCISCO, 2020, p. 59; FT 106.

<sup>75</sup> FRANCISCO, 2015, p. 59; LS 92. Grifos do autor.

<sup>76</sup> CONGRAGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão**. Vaticano: 1992. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_28051992\\_communi-onis-notio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communi-onis-notio_po.html)>. Acesso em: 19 fev. 2023.

A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. E assim juntamos mais um argumento para rejeitar todo e qualquer domínio despótico e irresponsável do ser humano sobre as outras criaturas. O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador.<sup>77</sup>

Fazer com que a Igreja procure tornar-se sempre mais sinal da salvação, por meio do missionário anúncio do Reino e do testemunho de comunhão fraterna, misericordiosa e inclusiva, é a proposta do Papa. Evidentemente, sua eclesiologia se desdobra em muitos outros aspectos inerentes à missão. A proximidade das massas sobranes, a comunhão, a inculturação, o anúncio, a sinodalidade, a docilidade aos apelos do Espírito Santo, o resgate da identidade missionária, a relação com os homens de boa vontade e, acima de tudo, a profunda relação com Deus são valores considerados centrais à Igreja em missão de dilatar o Reino de Deus no mundo.

A eclesiologia de Francisco não rompe com a Tradição e com o Magistério dos pontífices que o antecederam. De modo muito claro, o atual Pontífice resgata e reafirma noções eclesiológicas que desembocaram no Concílio Vaticano II. Assim, ela – a eclesiologia de Francisco – sintetiza aqueles que têm sido os grandes apelos da Igreja e da sociedade nos últimos tempos.

Colocam-se à base dessa pesquisa, esses três pilares do projeto de reforma eclesial de Francisco: a missão, a misericórdia na relação fraterna com seus próprios filhos e com todos os seres humanos, e o cuidado com a criação. Mais adiante, procurar-se-á mostrar as formas como esses três pilares são trabalhados, desenvolvidos e significados pelo Pontífice, evidenciando, assim, a iconografia que é utilizada para expressar sua eclesiologia.

---

<sup>77</sup> FRANCISCO, 2015, p. 54; LS 83.



## 2 A ICONOGRAFIA CRISTÃ

O espaço sagrado, entendido como lugar onde o humano e o divino se encontram, é um símbolo. A espacialidade é uma noção fundamentalmente antropológica, pois é num ambiente espacialmente situado que o ser humano vive e exerce sua capacidade de sentir, perceber, tocar e se comunicar.

Já no Primeiro Testamento, Deus serviu-se de espaços para se manifestar. Foi assim, por exemplo, no episódio da sarça ardente, ocorrido no deserto; ao consignar a lei e selar a antiga aliança, no monte Sinai; a Arca da Aliança e a tenda que a abrigava eram, por excelência, lugares da presença daquele que peregrinava com seu povo.

Na encarnação do Verbo, Jesus de Nazaré tornou-se o verdadeiro *lugar* da manifestação de Deus. É Ele o verdadeiro templo, a imagem perfeita do Deus invisível, a nova e eterna Aliança. Em Pentecostes, o Pai e o Filho, por meio da humanidade por este assumida e exaltada, derramaram o Espírito Santo e, assim, manifestaram ao mundo a Igreja fundada sobre o alicerce dos apóstolos, cuja vocação é ser sinal de Cristo no mundo. Dessa forma, a comunidade cristã e cada um dos seus membros são chamados a se tornarem um “lugar” que sinaliza Cristo e sua força redentora.<sup>78</sup> Por sua própria natureza teândrica, a Igreja ao se comunicar com o mundo não se serve apenas de conceitos doutrinários, coisas imateriais. Ela também utiliza inúmeros monumentos materiais que a ajudam a descortinar aos seres humanos os mistérios revelados.

Para que fique claro o que se tem em vistas neste trabalho, é preciso que se responda à seguinte questão: o que configura a iconografia cristã? Por isso, este capítulo tem como objetivo elucidar os principais fundamentos da iconografia cristã. Dedicar-se-á, então, aos conceitos, definições e objetivos inerentes à temática iconográfica.

Considere-se que o “plano iconográfico” que aqui se abordará refere-se à Igreja como um todo. Isto é, a proposta é enxergar a igreja material como um ícone da Igreja de Cristo. Esse ícone leva em conta desde a escolha do terreno, móveis, espaços e ícones propriamente ditos empregados na construção de um espaço sagrado. Assim, os temas abordados remetem aos fundamentos da iconografia em sentido estrito, para que se possa demonstrar a presença desses fundamentos no edifício-igreja, quando construído com o intuito de evangelizar.

---

<sup>78</sup> PASTRO, Cláudio. **Guia do espaço sagrado**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 15-16.

Ademais, como Cristo, o rosto do Pai é o fundamento de toda iconografia, já nesse capítulo, e sobretudo no subsequente se procurará demonstrar que a eclesiologia deveria estar na base da construção de uma igreja iconográfica.

## 2.1 ARTE SACRA, ARQUITETURA E ICONOGRAFIA

Diferente de qualquer outra criatura com capacidade de edificar sua moradia, o ser humano sempre buscou aliar a funcionalidade de sua casa à beleza estética. Deste modo, a ornamentação de um espaço torna-se um dado antropológico inquestionável. Esta característica humana não foi negligenciada pelos cristãos na construção de suas igrejas, visto que elas são consideradas *casa de Deus*.<sup>79</sup>

Na atividade antropológico-cultural chamada *arte*, distingue-se uma categoria específica: a *arte religiosa*, dentro da qual se situa um campo ainda mais restrito: o da *arte cristã*. Nessa última, há ainda uma categorização mais restrita: a *arte sacra*. A arte religiosa caracteriza-se por subjetividades regionais e de época, e também por sua desvinculação do espaço celebrativo-litúrgico, podendo estar numa sala, num quarto e até numa capelinha.<sup>80</sup>

Toda verdadeira obra de arte fala de Deus; mesmo que acidentalmente, devido à fraqueza humana, pudesse levar-nos ao pecado. Toda verdadeira obra de arte fala de Deus. E não apenas pelo que fala, mas sobretudo, tanto maior a emoção despertada, pelo desejo que acende em nós de uma beleza mais alta.<sup>81</sup>

A distinção entre os tipos de arte vincula-se ao efeito que a obra produz e à intencionalidade do artista ao criá-la. As obras religiosas podem ser consideradas devocionais ou até hostis. As reações suscitadas por uma obra dizem muito de sua categoria. A arte religiosa, também aquela cristã, aborda temas religiosos sem a intenção de propaganda ou de apelo à transcendência. Já a arte sacra é recoberta por uma *película*

---

<sup>79</sup> SCOMPARIM, Almir Flávio. **A iconografia na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 9.

<sup>80</sup> PASTRO, Cláudio. **A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 11.

<sup>81</sup> BARBOSA, Marcos. **A arte sacra**. Rio de Janeiro: Presença, 1976. p. 5.

*de transcendência*, isto é, ao se contemplar uma obra sacra, o apelo à transcendência e aos mistérios da fé logo se fazem sentir.

Fica assim estabelecido que a arte sacra deve ser uma arte não apenas de valor religioso, mas também funcional, isto é, que sirva ao culto comunitário, e de uma determinada comunidade, que vive em tal lugar e tal época.<sup>82</sup>

A verdadeira arte sacra comunica a uma determinada comunidade aquilo que a fé anuncia. Aqui se estabelece uma relação importante entre a obra, a fé e os destinatários de tal obra de arte. Assim, a arte sacra faz um importante aceno pedagógico e celebrativo, pois sua função é transmitir algo – mistérios da fé – a alguém – uma porção do povo de Deus. “A arte sacra é como que um prolongamento do mistério da encarnação, da descida do divino no criado”.<sup>83</sup>

No vasto campo da arte sacra, pode-se delimitar o tema ainda um pouco mais, ao falar em iconografia, *stricto sensu*.

O ícone é a materialização de uma longa história de reflexão e meditação sobre os dogmas da fé. Poderíamos dizer que é a teologia em traços e cores, formas e conteúdo da tradição cristã. A iconografia não foi inventada pelo artista, como os diferentes estilos artísticos que se multiplicaram no ocidente. Ela é uma tradição da igreja em uma regra firmada. É uma arte a serviço da fé, sem, contudo, escravizar o talento e a criatividade do artífice.<sup>84</sup>

Assim, *stricto sensu*, a iconografia se define como o conjunto de imagens sacras, sejam elas bidimensionais, como uma pintura, um mosaico, um vitral; ou tridimensionais, no caso de uma escultura ou um relevo aplicado em uma parede ou teto. Já em *lato sensu*, também os elementos estruturais que fazem parte da arquitetura da igreja, bem como seus móveis, compõem esse arcabouço chamado iconografia.<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> BARBOSA, 1976, p. 7.

<sup>83</sup> PASTRO, 2010, p. 122.

<sup>84</sup> ANTUNES, Otávio Ferreira. **A beleza como experiência de Deus**. São Paulo: Paulus, 2010. p .55-56.

<sup>85</sup> SCOMPARIM, 2008, p. 7.

Dada a vastidão do tema, a parte estrutural – tridimensional – é abordada com certa distinção da parte imagética, bidimensional. É comum autores abordarem apenas uma das áreas com mais profundidade, porém, ambas compõem uma mesma temática. “Numa obra ou num edifício cristão existe todo um universo muito eloquente. O altar, as torres, as cúpulas, os vitrais, as pinturas não estão aí por acaso e ao acaso”<sup>86</sup>.

Neste trabalho, as referências à iconografia consideram tudo o que envolve a dimensão material e artística de uma igreja. Pois, como a iconografia tem por intuito revelar ao mundo por meio de imagens, os mistérios da fé, também a igreja, enquanto espaço sagrado, pode ser um grande ícone, na medida que revela o mistério da Igreja e os mistérios nela contidos.

A arte na vida da Igreja representa um tema extenso e dinâmico. Com base na evidência litúrgica, a Igreja tem produzido ao longo do tempo “uma arte de caráter universal, que fala a todo homem”<sup>87</sup>. Para uma melhor compreensão da temática iconográfica, é preciso aprofundar alguns dos fundamentos e elementos desta arte.

## 2.2 O ESPAÇO

O primeiro atributo dado a Deus nas Escrituras é o de “Criador”<sup>88</sup>. Tal característica sustenta a íntima relação que existe entre Beleza e Mistério. “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou.”<sup>89</sup> Imagem, criação, homem, mulher e Deus estão profundamente ligados nos relatos sagrados.

A existência humana pressupõe duas noções comuns a todo ser material: o tempo e o espaço. Sendo assim, é preciso delinear de que forma essas noções são assimiladas pela arquitetura sacra e são aplicadas à iconografia cristã. Compreender a temporalidade e a espacialidade humanas requer não somente noções físicas, químicas, matemáticas, mas também antropológicas e teológicas.

Em seu processo de autoconhecimento, o ser humano começa situando-se em um espaço e no tempo; para reconhecer-se, ele procura

---

<sup>86</sup> PASTRO, Cláudio. *Arte sacra*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 6.

<sup>87</sup> PASTRO, 2010, p. 119.

<sup>88</sup> Gn 1.

<sup>89</sup> Gn 1, 27.

saber onde e quando está. Essas importantes noções são imprescindíveis ao se abordar a temática do plano iconográfico cristão, visto que “a igreja visível é a imagem da Igreja invisível.”<sup>90</sup> Aquela, portanto, deve remeter a essa. (Figura 6).



Figura 6 – A Basílica e a Cidade.

Fonte: Gustavo Cabral e Thiago Leon. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CW52rV6LkbH/>. Acesso em: 14 jun. 2023.<sup>91</sup>

O primeiro elemento constitutivo da iconografia cristã a ser abordado será a *espacialidade*. Já nos primeiros escritos do Novo Testamento, a concepção de Igreja ia muito além de um templo físico. Temos, na Carta aos Efésios, a expressão: “vós sois a casa de Deus”<sup>92</sup>. Naquela aos Romanos, Paulo se expressa nestes termos: “a todas as Igrejas dos gentios”<sup>93</sup>. Ao povo de Corinto e da Galácia, ele também se serve dessa expressão: “às Igrejas da Galácia”<sup>94</sup> e “à Igreja de Deus, que está em Corinto”. Tais expressões não se referiam a templos ou a

---

<sup>90</sup> PASTRO, 2010, p. 9.

<sup>91</sup> A volumetria e imponentia da Basílica de Aparecida é uma bela expressão do fervor da fé e da piedade do povo brasileiro. Em seus tijolos de barro, o edifício fala sobre a cor dos povos originários brasileiros e do barro do rio Paraíba. Assim essa construção traz em suas paredes e história algumas características da Igreja no Brasil.

<sup>92</sup> Ef 2,20.

<sup>93</sup> Rm 16,4.

<sup>94</sup> Gl 1,2.

edifícios de pedras, mas à Igreja viva que era cada cristão, cada assembleia que se reunia para celebrar e viver a vida cristã.

Contudo, embora não tenhamos a mesma noção de templo que tinham os judeus da época, pois cremos que “o Excelso não habita em templos feitos pela mão do homem”<sup>95</sup>, a noção cristã de igreja-templo não é a de algo totalmente dispensável ou irrelevante. Se a promessa do Senhor é de que “onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei entre eles”<sup>96</sup>, a edificação material, sendo o espaço da reunião, torna-se também o local privilegiado do encontro com Deus. “Se construímos edifícios-igrejas, estamos construindo-os para casa do povo de Deus, e, se são o templo vivo do Deus vivo, eis que então se pode dizer que são casa de Deus”<sup>97</sup>.

Essa casa não é qualquer casa: não é museu, não é teatro, nem salão de festa, nem patrimônio ou coisa qualquer. É a casa onde os cristãos se reúnem para celebrar o Deus de suas vidas, o Deus que lhes dá vida plena. Neste edifício unem-se a Igreja celeste e a Igreja terrestre revelando-se, assim, a Única Igreja do Cristo, o seu corpo. Das portas às paredes, do piso ao teto, até um mínimo prego, neste lugar, tudo é sagrado.<sup>98</sup>

Essa compreensão acerca do espaço, como uma manifestação do invisível, oportuniza a reafirmação da catolicidade da Igreja, ao ensinar a expressão das características de cada uma das Igrejas locais que a constituem. Possibilita, também, a reafirmação da unidade católica, pois, ainda que cada diocese ou comunidade possua suas muitas particularidades, a fé comum e a caridade expressam-se de diversas formas na disposição de um espaço sagrado. Isso possibilita que pessoas diferentes se identifiquem como parte de um todo.<sup>99</sup>

---

<sup>95</sup> At 7,48.

<sup>96</sup> Mt 18,20.

<sup>97</sup> MENEZES, Ivo Porto. **Arquitetura sagrada**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 19.

<sup>98</sup> PASTRO, Cláudio. **O Deus da beleza: a educação através da beleza**. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 66-67.

<sup>99</sup> MOLINERO, Marcelo Antônio Audelino. **O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia: para uma teologia do espaço litúrgico**. São Paulo: Paulus, 2019. p. 8.

O finito vai ao infinito, completa-se. O homem tem necessidade dessa dimensão, dessa *troca de espaço*. Muito forte é o sentido de peregrinação nas grandes religiões. No cristianismo, o Infinito (Jesus) vem até o finito e revela a grandeza que habita em nós. Somos carne do infinito. O infinito valoriza o pequeno espaço.<sup>100</sup>

É dessa necessidade que o ser humano tem de se encontrar com o sagrado, que nasce a necessidade de construir espaços dedicados ao divino. Em tais locais, ele pode se encontrar com o divino por meio de tantas formas diversas, na contemplação de uma imagem, pelo perfume que o local exala, através das cores aplicadas, dos caminhos percorridos para chegar lá. Assim, edificar um templo significa edificar vias de encontro. Por fim, vale ressaltar que a Igreja sempre buscou estabelecer locais edificadas por mãos humanas, mas dedicados ao divino. (Figura 7).



Figura 7 – Sala das velas.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em:

<[https://www.instagram.com/p/cno2t5xs\\_x/](https://www.instagram.com/p/cno2t5xs_x/)>. Acesso em: 15 jun. 2023.<sup>101</sup>

No Código de Direito Canônico, o tema dos espaços e imagens sagradas situa-se no livro IV. Isso indica a função e a importância de se

<sup>100</sup> PASTRO, 2007, p. 16. Grifo do autor.

<sup>101</sup> A sala das velas em Aparecida propõe de modo antitético a luz das velas e a escuridão das paredes, em seu centro está a cruz que constantemente é transpassada pela luz do sol. Assim essa sala estabelece de modo iconográfico os mistérios profundos e duais da fé.

edificar e consagrar espaços para Deus, pois o referido livro tem por objetivo regulamentar e aplicar o múnus de santificar da Igreja<sup>102</sup>. É legítimo, então, afirmar que os espaços sagrados podem e são dedicados a Deus de tal forma, que eles também exercem por sua existência a santificação dos homens. É preciso resgatar o sentido profundo de se edificar uma igreja, já que ela, por meio de seus materiais, volumetria, dimensões, uso e ocupação, é, portanto, “um receptáculo que permite à graça manifestar-se e é a unidade representativa do espaço que refletirá na unidade e identidade do cristão”<sup>103</sup>.

Mais do que um espaço belo, a espacialidade e a Beleza em caráter iconográfico são uma “denúncia que a vida está inserida ‘em outra coisa’, que o imediato é sempre um sinal visível de uma presença invisível e vai muito além de nossas capacidades humanas de compreensão”<sup>104</sup>. Não se trata de dualismo, mas de duas dimensões que compõem uma mesma realidade. Assim, num único espaço sagrado, está expressa na materialidade humana, a transcendência divina.

O espaço cristão serve para reunir, para encontrar e juntos (Povo de Deus / Corpo místico) celebrar os mistérios do Único Deus. Portanto, o espaço celebrativo deve dar condições para acolher o mistério que aí se celebra e seus convivas.<sup>105</sup>

É preciso continuamente redescobrir a beleza que envolve toda a liturgia. O Papa Francisco apela para a necessidade de uma vivência litúrgica profunda, isto é, “não a procura de um esteticismo ritual que se compraz apenas no cuidado da formalidade exterior de um rito”<sup>106</sup>. Nas palavras do Romano Pontífice “todos os aspectos do celebrar devem ser cuidados (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestes, canto, música, ...)”<sup>107</sup>. A redescoberta dessa relação com o todo que envolve a liturgia é necessária para que o ser humano redescubra na profundidade litúrgica, um espaço privilegiado de encontro com Deus e os irmãos.

---

<sup>102</sup> CÓDIGO de Direito Canônico. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2017. p. 222-223; CDC 834-839.

<sup>103</sup> PASTRO, 2012, p. 73.

<sup>104</sup> PASTRO, Cláudio. **Arte sacra**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 4.

<sup>105</sup> PASTRO, Cláudio. **O Deus da beleza: a educação através da beleza**. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 66.

<sup>106</sup> FRANCISCO, 2022, p. 17, DD 22.

<sup>107</sup> FRANCISCO, 2022, p. 17-18, DD 23.



Por fim, quando se fala de *programa iconográfico* deve-se ter em mente tudo o que engloba os mistérios revelados da fé, desde os ensinamentos de Jesus à Beleza ainda oculta do Céu. As cores, as paredes, os móveis, os gestos, os movimentos, o piso, os azulejos e tudo o mais deve revelar Cristo no meio e em nós.

### 2.3 O SAGRADO

Outra base da iconografia cristã a ser abordada é a noção de sagrado. É importante ressaltar que, para a arquitetura sacra, “as palavras sagrado, santo, mistério, hierofania, teofania são sinônimos e/ou equivalentes, apesar das diferentes raízes”<sup>108</sup>. A noção de sacralidade remonta à percepção da existência de uma *presença escondida*<sup>109</sup>. Diante do mistério redentor, o ser humano se vê incapacitado de exprimi-lo em sua totalidade. Por isso, para melhor comunicá-lo, a arte sacra empenha-se no estabelecimento de uma linguagem à altura, visto que

A Arte Sacra [...] é fenômeno comunicativo, e tem como objetivo expressar uma Verdade que vai além do racional, do conhecido, do humano. É uma forma de arte simbólica e teocêntrica feita para a religião, com um destino de liturgia, ou seja, o culto divino. Ela envolve quer as práticas rituais e cultuais, como os aspetos práticos e operativos do caminho da realização espiritual, dentro de uma tradição religiosa. Torna-se necessário que seja compreensível, que sirva de ensinamento, porque é uma espécie de *teologia em imagens*, e deve representar as verdades da Fé. A Arte Sacra está ligada a imagens de culto e a imagem de culto dirige-se à transcendência.<sup>110</sup>

A iconografia cristã, portanto, quer traduzir em obras sensíveis o que, pela fé, pode ser acessado apenas pelo suprassensível. Em cada vitral, traço arquitetônico ou obra de arte, a Igreja procura explicitar a fé

---

<sup>108</sup> PASTRO, 2010, p. 71.

<sup>109</sup> PASTRO, 2010, p. 70.

<sup>110</sup> SALDANHA, Nuno. **Arte sacra, culto, cultura e patrimônio**. In: MUSEU de Arte Sacra do Funchal. 2. ed. Portugal: MASF, 2019. p. 195-204. p. cit. 198. Grifo do autor.

e o mistério que a engloba. Uma vez que toda Igreja deve expressar tal mistério através de ações, as edificações podem auxiliar nessa expressão da fé. A verdadeira arte sacra, segundo Claudio Pastro, “não é de natureza sentimental ou psicológica, mas ontológica e cosmológica [...] ultrapassa o pensamento do artista, seus sentimentos e fantasias, e é tradução de uma realidade que vai além dos limites da individualidade humana”<sup>111</sup>. Dessa forma, também a edificação de um templo precisa ultrapassar a individualidade de seus dirigentes. É preciso fazer da igreja construção um ícone da Igreja porção de fiéis.

A arte tem sido um espaço para o sagrado e o sagrado a renova e mantém. Quando a arte torna-se um produto de consumo, de interesses, está fadada a definhar. Porém, em sua raiz a palavra tem outro significado: *ars*, *artis* = serviço, função. O artista sacro está a serviço da divindade, da comunidade, de sua religião e cultura, não de seus próprios propósitos.<sup>112</sup>

Em meio à forte secularização e ao modernismo, a imaginária do sagrado se confunde com a do mercado. Não é incomum encontrar os mesmos elementos e materiais utilizados na construção e decoração de um shopping aplicados aos templos. A arte possui “a dignidade de ser intérprete, no plano sensível, da Beleza ideal, pois a Beleza é uma forma do Divino, um reflexo, um atributo de Deus”<sup>113</sup>.

O homem se sente cada vez mais perdido, sem referências de qualquer tipo, privado de valores porque tornados indiferentes, órfão de tudo, numa fragmentação em que parece impossível um horizonte de sentido – é ainda agravada pela pesada herança que nos deixou a época anterior, feita de individualismo e subjetivismo [...] bem como de um espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza do homem, espírito encarnado e, portanto, capaz em si mesmo de ação e de compreensão simbólica.<sup>114</sup>

---

<sup>111</sup> PASTRO, 2010, p. 120-121.

<sup>112</sup> PASTRO, 2012, p. 15. Grifo do autor.

<sup>113</sup> PASTRO, 2010, p. 121.

<sup>114</sup> FRANCISCO, 2022, p. 19, DD 27-28.

Apesar dessa incapacidade simbólica atestada por Francisco, a Igreja, desde o Concílio, tem buscado assumir seu chamado a ser “sacramento de Cristo, luz dos povos (*Lumen Gentium*), pondo-se em religiosa escuta da Palavra de Deus (*Dei Verbum*) e reconhecendo como suas as alegrias e as esperanças (*Gaudium et Spes*) dos homens de hoje”<sup>115</sup>. Sendo ela, porém, “um sinal erguido entre as nações”<sup>116</sup>, é muito importante que o homem moderno volte a ser capaz de compreender e se comunicar com os símbolos. É aqui, nesse processo pedagógico e mistagógico, que a arte cristã assume um papel singular.

É preciso recorrer à base de toda arte sacra que é o mistério da encarnação. Visto que, pelo nascimento entre os homens e pelo Mistério Pascal, Cristo restituiu ao ser humano a imagem e semelhança com o Criador. Assim, Ele revelou de modo explícito a base e a função de toda imagem que pretenda ser sacra, isso é, tentar expressar essa verdade que ao mesmo tempo foi revelada por Cristo, ainda é o mistério da fé que permeia toda obra da Igreja. (Figura 8). A igreja, enquanto espaço do mistério e para o mistério, torna-se também um espaço para os homens que buscam se encontrar, com sua própria identidade, com seus semelhantes e com o Criador.



Figura 8 – Porta da Anunciação.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/cqn1uz6tf3t/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.<sup>117</sup>

<sup>115</sup> FRANCISCO, 2022, p. 19-20 DD 29.

<sup>116</sup> Is 11,12.

<sup>117</sup> Localizada na Ala Norte do Santuário, ao lado da Porta Santa, a porta da Anunciação explicita que a missão, a estruturação e tudo o que se refere à Igreja

Mais que uma sacralidade implícita, o espaço sagrado tem a missão de descortinar essa dimensão profunda da vida cristã. Assim, ele deve ser um receptáculo onde a graça se manifesta e ganha forma. Além de todos esses elementos que compõem e evocam a função da iconografia cristã, há ainda outras duas dimensões a serem abordadas. A primeira é a função educacional, mistagógica e catequética da iconografia. A segunda dimensão é a litúrgica, síntese e origem de toda arte sacra e de todo plano iconográfico verdadeiramente cristão.

## 2.4 O SÍMBOLO

Além da noção espacial, a dimensão simbólica é outro elemento fundamental na temática iconográfica. O termo *símbolo* designa, basicamente, algo perceptível que remete a uma realidade então não visível. O exemplo clássico é o da fumaça que sinaliza a existência de fogo. No campo da arte sacra, o símbolo é considerado “um fenômeno originário do ser humano que corresponde à sua estrutura corpórea, espiritual e social fundamental. O perceptível pelos sentidos é capaz de expressar algo para além do sensível”<sup>118</sup>. O Papa Francisco afirma:

A leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas é uma experiência vital. [...] Se as coisas criadas são parte irrenunciável do agir sacramental que realiza a nossa salvação, devemos predispor-nos em relação a elas com um novo olhar que não seja superficial, mas respeitoso e agradecido. Desde a origem elas contêm o germe da graça santificante dos sacramentos.<sup>119</sup>

Segundo Claudio Pastro, a hierofania, isto é, a manifestação do sagrado, marca a comunicação simbólica da iconografia cristã.<sup>120</sup> Diferentemente da fumaça que sinaliza o fogo sem que o seja, o símbolo

---

e ao Mistério da Redenção, tem seu início no anúncio do Arcanjo. Visto que o Verbo se encarnou, a Igreja pode e deve se materializar em obras e edifícios.

<sup>118</sup> ZILLES, Urbano. **Significação dos símbolos cristãos**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11.

<sup>119</sup> FRANCISCO, 2022, p. 27, DD 45-46.

<sup>120</sup> PASTRO, 2010, p. 71.

cristão traz em si a realidade que representa. Ele reúne sinais extraídos da nossa realidade, para transmitir uma realidade superior à nossa. É o que acontece na celebração dos sacramentos. A Igreja, sacramento da salvação, é o sinal e o instrumento através do qual a salvação redentora é estendida por toda a terra. No entanto, somente Jesus Cristo é perfeito sacramento do Pai. Ele é, portanto, um Símbolo infinitamente superior a qualquer outro símbolo, é o verdadeiro símbolo de Deus, pois não apenas no-lo mostra tal qual é, mas também no-lo comunica.<sup>121</sup>

Nas diversas formas do Criador se comunicar com suas criaturas, a linguagem do sagrado é sempre a simbólica, isto é, ainda que a encarnação tenha sido a revelação clara e mais explícita de Deus, também ela se deu por meio de sinais. A cultura, os milagres, as questões levantadas por Jesus... tudo está permeado de significados que com o passar do tempo foram sendo interpretados e reinterpretados. Assim, as grandes religiões também buscam comunicar-se por meio de sinais (ritos, cultos, celebrações...), visto que somente os símbolos formam uma linguagem universal.<sup>122</sup>

Sem a pretensão de adentrar numa aporia filosófica, a simbologia sagrada precisa ser compreendida em dois níveis, no primeiro por meio dos sentidos corpóreos para, em um segundo nível, chegar aos *sentidos do Espírito*<sup>123</sup>. O desejo de tornar-se um só com Deus faz com que o ser humano também tenha a capacidade de *simbolizar* e interpretar a realidade que o circunda. Deste modo, considerando que a realidade cotidiana se torna símbolo dos mistérios da fé, a fé é habitualmente transmitida aos homens por meio de símbolos.

A linguagem da arte baseia-se na ciência das formas, ou seja, no *simbolismo*, e o simbolismo não é a figura sacra, mas aponta para o Sagrado, princípio de tudo e de todos. O símbolo não é um sinal convencional, mas manifesta, pela matéria, o arquétipo no mais profundo sentido ontológico. Assim, o símbolo nunca é desprovido de beleza em seu sinal. E se é ontológico, *deve* ser sempre belo.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> MOLINERO, 2019, p. 10.

<sup>122</sup> PASTRO, 2012, p. 15.

<sup>123</sup> PASTRO, 2012, p. 16.

<sup>124</sup> PASTRO, 2010, p. 12. Grifos do autor.

Isto é, a arte sacra busca revelar o mistério e ao mesmo tempo evidenciar sua dimensão transcendente. Enquanto movimentos artísticos religiosos como o renascimento e o barroco não distinguiram suas obras das profanas, a iconografia quer enaltecer a dimensão transcendental. Para melhor compreender essa função mistagógica do símbolo, pode-se tomar, por exemplo, uma imagem barroca ou romântica da Virgem Maria. Enquanto nessas escolas os artistas buscavam evidenciar com característica unicamente antropológicas, realistas ou ultrarrealistas a divindade, a iconografia busca mostrar, com traços imperfeitos e figuras simbólicas, que existe, em sua obra, uma mensagem divina, traços incompreensíveis e ao mesmo tempo humanos da Virgem (Figura 9).

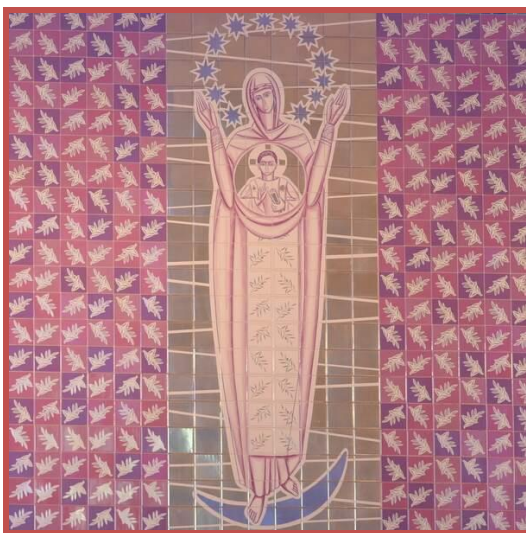


Figura 9 – Painele a evangelização do Brasil.

Fonte: Portal A12, Thiago Leon. Disponível em:

<<https://www.a12.com/santuاريو/noticias/evangelizacao-no-brasil-representada-na-arte-sacra-do-santuاريو>>. Acesso em: 15 jun. 2023.<sup>125</sup>

<sup>125</sup> O artista – Claudio Pastro – busca por meio do painele sobre a evangelização do Brasil, com técnicas modernas (atuais) explicitar a figura de Maria e de Cristo por meio de traços primitivos. Vale ressaltar que todas as obras de Pastro remetem à arte primitiva da Igreja, porém, de modo e com técnicas atuais. Assim, a obra ilustra e ao mesmo tempo evoca o mistério de Cristo na evangelização e de Maria como eminente colaboradora.

Além de um estilo simbólico, a arte cristã, nos primeiros séculos, também se servia de símbolos estáticos como a âncora, a cruz, os pássaros, o “p” e o “x”, bem como de inúmeros outros símbolos que estabeleceram uma espécie de alfabeto iconográfico.<sup>126</sup> Mais do que símbolos empregados na iconografia, a linguagem é simbólica.

Por ser a imagem o sinal da presença do invisível, o projeto do programa iconográfico de uma igreja deve ser muito bem cuidado e, de preferência, simultâneo ao estudo e à organização da arquitetura, tendo como centro o Cristo e seus mistérios. Isso porque mistério remete à palavra *mistagogia* e uma função da arte é ser mistagógica. Mistagogia tem um significado profundo: ação de conduzir ao mistério.<sup>127</sup>

Por sua linguagem simbólica, pode-se falar da iconografia com palavras semelhantes às utilizadas pelo Concílio Vaticano II ao falar da Igreja.<sup>128</sup> Pois a iconografia é chamada a ser *sinal* da fé e ao mesmo tempo um instrumento de contemplação dos mistérios da fé. A arte sacra de uma igreja, além de educar os fiéis sobre a fé, também precisa instigá-los para a profundidade inerente à fé.

## 2.5 A CATEQUESE ICONOGRÁFICA

Em meio aos tantos papéis que a iconografia exerce na Igreja, há de se destacar sua função catequético-mistagógica, visto que “a grande função da arte no cristianismo, mais do que ser simplesmente um meio didático, foi, é e há de ser *porta e ponte* para o Mistério onde se passa do belo contemplado ao belo vivido”<sup>129</sup>. A arte no cristianismo não exclui o seu papel didático, ela o amplia. Ao estabelecer um plano iconográfico para um templo, a função didática e mistagógica precisam estar em harmonia, visto que “uma imagem fala mais que mil palavras”<sup>130</sup>, o conteúdo a ser comunicado precisa ser levado em conta

<sup>126</sup> TOMMASO, Wilma Steagall. **O Cristo Pantocrator**: Da origem às igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro. São Paulo: Paulus, 2017. p. 45-46.

<sup>127</sup> TOMMASO, 2017, p. 189. Grifo do autor.

<sup>128</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 101; LG 1.

<sup>129</sup> PASTRO, 2002, p. 6.

<sup>130</sup> PASTRO, 2010, p. 121.

ao adquirir, criar ou instalar uma imagem ou obra de arte. Quando a linguagem iconográfica está em dissonância com a dogmática, o espaço celebrativo torna-se desfavorável ao culto e à educação da fé.<sup>131</sup>

Embora o desejo de tornar a Palavra visível tenha se dado de forma conturbada ao longo da história, os movimentos iconoclastas<sup>132</sup> e até mesmo os movimentos de supervalorização de imagens são expressões de que o desejo de tradução e materialização dos mistérios da fé, por meio da arte, não são novidades na Igreja. Tal como a catequese, que precisa ser também hoje um processo eficaz de educação e vivência das verdades da fé, “a linguagem iconográfica deve ainda falar ao nosso tempo, ao imaginário moderno”<sup>133</sup>.

É impressionante pensar como, até nos momentos mais difíceis e escuros, uma mão trêmula tenha confiado igualmente ao grafite, à cor, à figura, à parede, ao tecido, uma oração, uma invocação, uma cena, um rosto. Não era a mão de um artista, mas o coração de um crente, e, tão logo foi possível, eis que se libertou, soberbamente das extremidades da terra o reluzir do mosaico, o fundir-se borbulhante do metal, o harmonizar-se das cores, em uma estação carregada de frutos, a serviço não da glória dos poderosos, mas da humilde Palavra do Evangelho.<sup>134</sup>

A função mistagógica da iconografia cristã também revela a missão eclesiológica da Igreja de espargir o Reino e anunciá-lo a todos

---

<sup>131</sup> SCOMPARIM, 2008, p. 54.

<sup>132</sup> Iconoclasmo é o nome que se dá à repressão violenta promovida pelos imperadores bizantinos ao culto de imagens, que durou mais de um século e que fez incontáveis vítimas. [...] A iconoclastia começou com o Edito de Leão III que proíbia o culto e a produção de imagens. A história da luta iconoclasta conheceu dois períodos. O marco divisor desses dois períodos é o II Concílio de Nicéia (787), convocado pela imperatriz Irene, que reestabelece o culto aos ícones. Porém, Leão V, o Armênio, em 815, desautoriza o II Concílio de Nicéia e promove uma implacável perseguição aos iconófilos (defensores dos ícones). Em 843, a regente Teodora consegue finalmente reestabelecer o culto às imagens. (SCOMPARIM, 2008, p. 13.)

<sup>133</sup> SCOMPARIM, 2008, p. 54.

<sup>134</sup> BRAGANTINI, Gabriele. **A vida de Jesus em ícones**: da bíblia de Tbilise. Trad. Silvia Debetto C. Reis. 15. Ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 12-13.



os homens, visto que, o plano iconográfico pretende justamente materializar na igreja as verdades reveladas à Igreja. Cada artista deve catequizar por meio de suas obras, sem esquecer que elas também devem estar imbuídas do Espírito de Deus para que revelem o invisível. Assim, “quanto mais alguém imerge e penetra na Bíblia, tanto mais é capaz de *escrever*, em sentido iconográfico”<sup>135</sup>. Torna-se necessário que, ao se pensar uma igreja, o arquiteto ou artista esteja profundamente imbuído do espírito cristão, para que sua obra “aja” cristãmente, no sentido de ser e comunicar as verdades da fé cristã.<sup>136</sup>

Existe ainda um grande risco na missão catequética da arte na Igreja, o esteticismo. Romano Guardini,<sup>137</sup> importante teólogo do período do Concílio Vaticano II, alertava em sua obra “Espírito da liturgia” que “a Beleza é o alegre resplendor que se manifesta quando, no momento oportuno, se revela a verdade escondida”<sup>138</sup>. Assim, defende ele, “a verdade é a alma da Beleza”<sup>139</sup>. Frente ao risco do esteticismo, é necessário que a educação acerca da fé não fique apenas na superficialidade aparente, mas desça aos mistérios profundos da fé. Assim, a arte iconográfica deve ser uma ferramenta pedagógica e também mistagógica.

Toda a forma autêntica de arte é, a seu modo, um caminho de acesso à realidade mais profunda do homem e do mundo. E, como tal, constitui um meio muito válido de aproximação ao horizonte da fé, onde a existência humana encontra a sua plena interpretação. Por isso é que a plenitude evangélica da verdade não podia deixar de suscitar, logo desde os primórdios, o interesse dos

---

<sup>135</sup> BRAGANTINI, 2012, p. 13.

<sup>136</sup> MENEZES, 2006, p. 39.

<sup>137</sup> Romano Guardini (1885-1968), influente teólogo do século XX nascido na Itália. Em 1923, tornou-se professor na Universidade de Berlim até a supressão de seu curso pelos nazistas em 1939. Mais tarde, lecionou em Tübingen e em Munique. Seguiu, de forma muito particular, a linha agostiniana. Contribuiu para dar à fé católica um sentido renovado, sem romper com a Tradição, preparando o caminho para o Concílio Vaticano II. (GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018. Orelha do livro)

<sup>138</sup> GUARDINI, 2018, p. 76.

<sup>139</sup> GUARDINI, 2018, p. 77.

artistas, sensíveis por natureza a todas as manifestações da beleza íntima da realidade.<sup>140</sup>

Deste modo, a relação entre arte e educação não pode desvincular-se do aspecto teológico. Este é-lhes necessário. A revelação cristã deve ser a base e o objetivo da arte iconográfica. A iconografia cristã pode ser vista em dois aspectos, sua beleza estética e sua Beleza mistagógica. Isto é, a imagem que educa e encanta também convida a se aprofundar no mistério que a envolve. (Figura 10).



Figura 10 – Moisés recebe as tabuas da lei.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em:

<<https://spriomais.com.br/2022/03/16/maior-biblia-a-ceu-aberto-do-mundo-fachada-do-santuairo-nacional-de-aparecida-tera-mosaicos-com-cenas-biblicas/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.<sup>141</sup>

Existe ainda outro aspecto na iconografia cristã, o eclesiológico. A arte, com efeito, não está apenas posta na igreja material, mas deve fazer parte dela, desde sua projeção, construção, função e missão.

<sup>140</sup> JOÃO PAULO II. **Carta do Papa aos artistas**. Vaticano, 10 nov. 1994a. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html)>. Acesso em 28 fev. 2023.

<sup>141</sup> Os murais da fachada de Aparecida são profundamente catequético-bíblicos e, ao mesmo tempo, trazem implícitos elementos profundamente teológicos. Na figura acima (10), retrata-se o dom do decálogo. Mas, elementos misteriosos, os rios em vermelho e azul que jorram da mão de Deus e a escadaria ao lado da imagem, remetem ao mistério da Cruz. Estes elementos e outros tantos impregnam a obra de mistagogia.

As paredes das igrejas, cada espaço seu, transfiguram-se em páginas vivas da Palavra, não com o objetivo primário de ensinar, mas para reunir, para unir, para proclamar, para mostrar, para ajudar. A Igreja se veste de festa, de luz, das cores da luz, porque é o corpo de Cristo, porque é construída não com pedras duras, mas com pedras vivas; é a esposa pronta para o seu esposo, sem ruga, sem mancha. O ícone é belo, logo torna belos [sic]. Pinta-se para ficar bonito, para deixar transparecer a beleza, e o que é o belo para um crente senão as grandes obras que Deus fez para nós? Diante de um ícone, de uma parede, de uma folha, o crente *vê e escuta*. Também as pedras falam, porque ilustram; sobre elas pousam uma semente da Palavra iluminada pela luz incorruptível; o edifício tornou-se um hino a Deus, mas também uma invocação para que a Igreja seja aquela que deve ser.<sup>142</sup>

Considerando, então, que a iconografia não está apenas posta na igreja, mas também e em primeiro lugar, para a Igreja. Desvela-se, aqui, um aspecto profundamente eclesiológico presente na iconografia, o de reunir, congregar e educar a assembleia.

O aspecto eclesiológico da arte expressa-se ainda mais sublimemente na liturgia, pois é nela que o povo se reúne, contempla, celebra e aprende os conteúdos da fé.

## 2.6 A LITURGIA

Tal é a centralidade da liturgia na vida do cristão, que ela não poderia faltar numa abordagem da iconografia cristã. Na verdade, é na liturgia e por meio dela que a iconografia atinge o cumprimento de sua missão. Ao renovar a liturgia católica, o Vaticano II renovou também aquelas realidades a ela concernentes, como a arte. Por isso, a reforma litúrgica e, nela, o papel da arte tornaram-se temas imprescindíveis à iconografia.

Com o trabalho decisivo dos irmãos Dom Mauro e Dom Plácido Wolter, do mosteiro beneditino de Beuron / Maria Laach, inspirados no francês Dom Prosper Guéranger, um impulso renovador passou a ganhar

---

<sup>142</sup> BRAGANTINI, 2012, p. 13. Grifo do autor.

força na Igreja<sup>143</sup>. Outro nome importante da reforma litúrgica é o do também beneditino Dom Lamberto de Beaudoin<sup>144</sup>, do Monte César. Ele travou verdadeira cruzada em favor da participação dos fiéis na liturgia. A partir desse impulso reformador, nascido na abadia de Maria Laach, a união entre vida e liturgia foi um ponto decisivo na busca por espaços mais acolhedores e comunicativos para se celebrar os mistérios da fé.<sup>145</sup>

Na liturgia, resplandece de modo muito original a beleza suprema de Deus. A liturgia é o *lugar privilegiado das núpcias entre fé e beleza; a celebração litúrgica é uma das fendas mais profundas através das quais transluz a luz incriada*.<sup>146</sup>

A arte sacra tem, pois, um lugar insubstituível na vida litúrgica. Por meio delas, arte e liturgia, o povo de Deus pode celebrar e aprender sobre a própria fé. Nos dias atuais, a arquitetura sacra, bem como a arte

---

<sup>143</sup> No século XIX, havia o interesse da restauração da fé católica após o movimento iluminista. Pensando nesta restauração em seu país de origem, a Alemanha, dois irmãos seguiram para a Itália e se converteram ao catolicismo, entrando para a Ordem Beneditina. Eram os irmãos Mauro (1825-90) e Plácido (1828-1908) Wolter. Em 1863, fundaram o Mosteiro de Beuron, ao sul da Alemanha, no antigo mosteiro agostiniano de propriedade da família da Princesa Katarina von Hohenzollern-Sigmaringen (1817-1893), que cedeu o local para a fundação do mosteiro beneditino. Ali, os irmãos Wolter adotaram o modelo de restauração católica do Mosteiro Solesmes, na França, levado à frente por Dom Prosper Guéranger (1805-1875). Procurava-se renovar a liturgia através da arte, pela música, com o canto gregoriano. (YANG, Klency Kakazu de Brito. O pintor beuronense Dom Adelbert Gresnicht e a teoria lenziana no mosteiro de São Paulo. **XIII encontro de história da arte: arte em confronto: embates no campo da história da arte.** p. 516. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/331412695\\_o\\_pintor\\_beuronense\\_dom\\_adelbert\\_gresnicht\\_e\\_a\\_teor%C3%ADa\\_lenziana\\_no\\_mos-teiro\\_de\\_sao\\_paulo](https://www.researchgate.net/publication/331412695_o_pintor_beuronense_dom_adelbert_gresnicht_e_a_teor%C3%ADa_lenziana_no_mos-teiro_de_sao_paulo)>. Acesso em: 15 jun. 2023. p 516)

<sup>144</sup> Dom Alberto de Beaudoin (1873-1960), que de sacerdote no mundo operário passou a monge beneditino, defendeu a renovação da vida litúrgica da Igreja. Ele lançou uma verdadeira cruzada em favor da participação dos cristãos nas celebrações. É famosa a sua frase: *É necessário democratizar a liturgia*. (TOMMASO, 2017, p. 177. Grifo do autor.)

<sup>145</sup> TOMMASO, 2017, p. 177-178.

<sup>146</sup> BOROBIO, Dionísio. **A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração.** São Paulo: Paulus, 2010. p. 27. Grifo do autor.

sacra em geral, não tem mais o poder impactante que tinha no início da era moderna. Não é mais a torre da igreja o edifício que preside do alto os demais edifícios, não é o sino da igreja que orienta a vida dos cidadãos. Enfim, para uma sociedade cada vez mais urbanizada e modernizada, também a arte sacra precisou se adaptar.<sup>147</sup>

Em 2003, na carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, São João Paulo II afirmou que a arte, a beleza e o conteúdo da fé devem ser expressos no lugar da celebração.<sup>148</sup> É importante mencionar ainda que também existe um sentido escatológico na iconografia e em toda arte sacra. Como a liturgia celebra o acontecido que acontecerá, a arte procura descortinar esse mistério em sua profundidade.<sup>149</sup> (Figura 11).



Figura 11 – Cúpula.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/cvdskrjn1xv/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>147</sup> MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. **O local de celebração: Arquitetura e liturgia.** São Paulo: Paulinas, 2001. p. 13.

<sup>148</sup> JOÃO PAULO II. **Ecclesia de Eucharistia.** Vaticano, 17 de abr. 2003. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_20030417\\_eccl-de-euch.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html)>. Acesso em: 15 jun. 2023. EE 49-50.

<sup>149</sup> BOROBIO, 2010, p. 16.

Materialização, meditação e fé são dimensões indispensáveis à iconografia cristã, visto que a liturgia também as tem por base. Por meio da oração, a *Ekklesia* busca contemplar e celebrar a própria fé. Na oração, o olhar poderia representar um desvio do objetivo. Contudo, o recolhimento espiritual não se trata de um estado de apatia, mas uma verdadeira contemplação de Deus. (Figura 12).

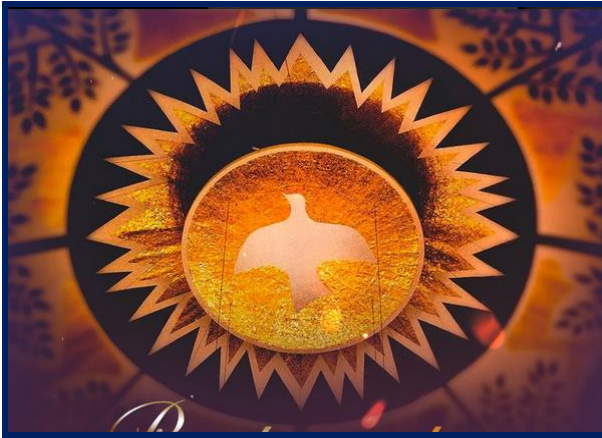


Figura 12 – Cúpula Aproximada.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/cea2fd6sajj/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.<sup>150</sup>

Em meio ao fenômeno da espetacularização da fé ou da imobilidade ritual, a iconografia quer propor ao fiel um caminho de interiorização. “A iconografia está a serviço da fé cristã, e encontra um âmbito privilegiado seu exatamente no momento litúrgico. Em certos momentos pode-se dizer que a iconografia é sustentada pela liturgia, e, por sua vez, a sustenta.”<sup>151</sup> Da mesma forma como a liturgia celebra e educa, a iconografia cristã o faz por meio de suas obras. O templo cristão, com toda sua arte, recebe por meio do *Pneuma* uma função autenticamente celebrativa. Pelo Espírito Santo, o artista é despertado para o mistério a ser retratado. (Figura 12). Da mesma forma, é também

<sup>150</sup> No ápice do baldaquino que encobre o presbitério está a cúpula do Santuário. Ela tem, no centro, a figura de uma pomba com as asas abertas. Desse modo, o presbitério do Santuário, *locus celebrationis*, figura a pneumatologia da criação.

<sup>151</sup> BRAGANTINI, 2012, p. 22.

por Ele que o cristão pode assimilar a mensagem da fé a partir da liturgia e da arte.<sup>152</sup>

Ao mesmo tempo em que a igreja é um sinal da Igreja peregrina na terra, é também imagem visível da Igreja celestial. É símbolo de Deus que habita entre os homens e anúncio da Jerusalém Celeste. Ela deve expressar por meio de sua forma, nas suas cores, luzes e sombras essa função simbólica e mística. A beleza do edifício deve alimentar a piedade dos fiéis e manifestar a santidade dos mistérios nele celebrados.<sup>153</sup>

Assim, a igreja deve ser “igreja da Igreja”, isto é, o templo precisa ser espaço de oração dos fiéis. Mais do que um ponto de referência onde os cristãos – Igreja – se reúnem, o templo deve ser um constante convite a reafirmar a fraternidade e a comunhão dos fiéis. Por isso, na liturgia, a Igreja-povo exerce plenamente sua dimensão eclesial – Igreja-assembleia – e contempla, por meio da igreja templo, sua vocação profunda a ser, em Cristo, Igreja celestial, pois é, neste mundo, um povo peregrino rumo a casa do Pai. “Pode-se dizer que os livros litúrgicos são o primeiro manual teológico da Igreja”<sup>154</sup>, mais do que isso, na liturgia e por meio dela a Igreja compreende sua natureza e a sua razão de ser, bem como redescobre o seu chamado a ser Santa qual Jesus. Também na liturgia a Igreja peregrina se alimenta para a caminhada neste mundo e assim, povo alimentado de Cristo, reunido como Corpo de Cristo exerce sua identidade eclesial de modo pleno.

A Igreja, contudo, não seja entendida de modo dualista. A mesma comunidade dos fiéis é Igreja peregrina e também vocacionada a se tornar Igreja celestial.

A beleza da liturgia exige combinar ambas as coisas, promovendo o encontro entre Deus e o homem. Supõe unir a verticalidade a partir da interioridade, e a horizontalidade a partir da admiração. Ou, com outras palavras, a beleza

---

<sup>152</sup> PASTRO, 2010, p. 118.

<sup>153</sup> MACHADO, 2001, p. 34.

<sup>154</sup> JOHNSON, Curthbert; JOHNSON, Stephen. **O espaço litúrgico da celebração:** Guia litúrgico prático para a reforma das igrejas no espírito do Concílio Vaticano II. São Paulo, Loyola, 2006. p. 18.

interna e a beleza externa. O que nos mostra que a arte, na liturgia, é mediação para o sagrado, para o mistério.<sup>155</sup>

É por sua função comunicativa e celebrativa que a arte sacra encontra na liturgia sua fonte e plenitude. É dessa forma que a arte assume um papel importante na comunicação da salvação, visto que “cada ser humano é, de certo modo, um desconhecido para si mesmo. Jesus Cristo não se limita a manifestar Deus, mas *revela o homem a si mesmo*.”<sup>156</sup> E é assim que, “em contato com as obras de arte, a humanidade de todos os tempos – também a de hoje – espera ser iluminada acerca do próprio caminho e destino.”<sup>157</sup>

Mais do que uma demasiada sacralização da arte, o convite pós-conciliar, bem como o entendimento acerca do tema já desde os primeiros cristãos é o de que a arte é uma ferramenta de contemplação, transmissão e celebração da própria fé.

A unidade litúrgica não é simplesmente uma questão de disciplina: o princípio da unidade litúrgica está fundado sobre e em conformidade com a natureza do dogma e da constituição da Igreja. Cristo Jesus fundou sua Igreja para reunir todos os filhos de Deus e enviou o Espírito Santo para santificá-la e fazer dela uma só coisa.<sup>158</sup>

Diante de todo o exposto, parece claro que, pelo fato de a liturgia celebrar o dogma crido e a eclesiologia visibilizar-se no espaço litúrgico, a iconografia é inerente à liturgia, estando a seu serviço.

O intento deste capítulo foi o de oferecer, sinteticamente, alguns elementos artísticos característicos, especificamente, da arquitetura sacra e da iconografia cristã. Além disso, foram também abordadas as funções catequéticas e celebrativa destas áreas da arte sacra. Espera-se que o conjunto desses elementos auxilie, no próximo capítulo, a leitura da eclesiologia do Papa Francisco, visto que, pelo exposto até aqui, já se podem estabelecer inúmeras pontes entre os temas.

---

<sup>155</sup> BOROBIO, 2010, p. 28.

<sup>156</sup> JOÃO PAULO II, 1994a, não paginado, n.14.

<sup>157</sup> JOÃO PAULO II, 1994a, não paginado, n.14.

<sup>158</sup> JOHNSON, 2006, p. 18.



### 3 A ICONOGRAFIA ECLESIOLOGICA DO PAPA FRANCISCO

Desde os trabalhos eclesiológicos de Johann Adam Möhler<sup>159</sup> e John Henry Newman<sup>160</sup>, uma forma verdadeiramente renovada de compreender a Igreja começou a se esboçar. Depois de muito labor teológico, esse movimento de renovação desdobrou-se em outros, nos campos da liturgia, do ecumenismo e na nova forma da Igreja se relacionar com o mundo.<sup>161</sup> A culminância desse processo teológico deu-se com a assimilação magisterial, no Concílio Vaticano II, e com as consequentes reformas por ele introduzidas.

A Igreja, obra e ícone da Trindade, “é o povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”<sup>162</sup>, um “povo messiânico”<sup>163</sup>, crístico. Por sua natureza teândrica, ela é chamada a ser *sacramento da salvação em Cristo*<sup>164</sup>, sinal e instrumento da comunhão salvadora, a fim de espargir no mundo a fé e o amor salvífico.

Considerando, pois, essa natureza sacramental, misteriosa, da Igreja e também que as igrejas são sinais visíveis da Igreja convocada e

---

<sup>159</sup> Johann Adam Möhler nascido em 6 de maio de 1796, Igersheim, Würzburg [Alemanha] - falecido em 12 de abril de 1838, Munique, historiador da Igreja católica romana alemã, cujas teorias e esforços para unir as Igrejas católica e protestante fizeram dele uma importante fonte de ideias para o movimento ecumênico do século XX. Möhler partiu do iluminismo católico e chegou a uma compreensão pneumatológica e, por fim, cristológica da Igreja. [...] Tanto Möhler como Newman são denominados, com razão, os pioneiros da eclesiologia do século XX, que obteve reconhecimento na Igreja global por intermédio do Concílio Vaticano II. (KASPER, Walter. **A Igreja Católica**: essência, realidade e missão. São Leopoldo: UNISINOS, 2012. 553 p. 27-28.)

<sup>160</sup> John Henry Newman nasceu em Londres, em 1801, e faleceu em Edgbaston, em 1890. Formou-se em Teologia e foi ordenado sacerdote anglicano. Em 1845, converteu-se ao catolicismo e, dois anos mais tarde, foi ordenado sacerdote católico. Foi nomeado cardeal pelo Papa Leão XIII, em 1879. Em 19 de setembro de 2010 foi beatificado pelo papa Bento XVI. (NEWMAN, John Henry. **Origem e progresso das universidades**. Trad. Fabio A. Vitta. São Paulo: Cultor de Livros, 2017. Orelha do livro).

<sup>161</sup> MOLINERO, 2019. p. 34.

<sup>162</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 104; LG 4.

<sup>163</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 112; LG 9.

<sup>164</sup> A Igreja é nomeada sacramento nos seguintes textos conciliares: LG n.1, 8, 9, 48 e 52; SC 2, 5 e 26; AG 1 e 5; GS 45.

reunida em torno de Cristo, como assembleia<sup>165</sup>, a imagem que deve prevalecer nessas edificações é a do mistério salvífico.

Essa concepção eclesiológica, tipicamente patrística<sup>166</sup> e solidamente fundamentada nos escritos paulinos (Ef 1,9ss; 3,3-10; Cl 1,26ss), ficara esquecida por séculos. Redescoberta, foi solenemente afirmada no Concílio Ecumênico Vaticano II. Por isso, ao afirmar que a Igreja deve refletir Cristo, *Lumen gentium*<sup>167</sup>, fazendo-o resplandecer sobre a face de toda a terra, o *De Ecclesia* do Concílio não inaugura apenas uma nova eclesiologia, mas também, uma nova iconografia cristã.<sup>168</sup> A relação entre eclesiologia e iconografia não se restringe, portanto, ao Papa Francisco. Cabe, aqui, recordar Henri de Lubac († 1991), cardeal e teólogo francês de grande influência no Concílio Vaticano II:

O mistério da Igreja é em resumo todo o Mistério. Ele é por excelência nosso próprio mistério. Ele nos toma por inteiro. Ele nos envolve por todos os lados, visto que é em sua Igreja que Deus nos vê e nos ama, pois é nela que Ele nos quer e que nós O encontramos, é nela também que aderimos a Ele e que Ele nos beatifica.<sup>169</sup>

Neste capítulo, serão abordadas as imagens eclesiológicas mais marcantes utilizadas pelo Papa, que com as imagens da Catedral

---

<sup>165</sup> PASTRO, 2007, p. 51.

<sup>166</sup> A partir do acesso às fontes patrísticas, Möhler vê no mistério da Igreja o prolongamento do mistério da encarnação redentora. Para ele, o princípio divino da Igreja está na relação entre o ser humano e Deus. *A Igreja é a comunidade dos fiéis, realizada pelo Espírito de amor após Pentecostes; sua constituição externa é a manifestação de sua essência, o amor corporificado.* Möhler também ressalta a unidade entre o invisível e o visível na Igreja. (HACKMANN, Geraldo Luiz B. Porto Alegre: ediPUCRS, 2013. p. 43. Grifos do autor.)

<sup>167</sup> Luz dos povos. Tradução nossa.

<sup>168</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 101-102; LG 1.

<sup>169</sup> “Le mystère de l’Église est en résumé tout le Mystère. Il est par excellence notre propre mystère. Il nous prend tout entiers. Il nous enveloppe de toute part, puisque c’est dans son Église que Dieu nous voit, et nous aime, puisque c’est en elle qu’Il nous veut et que nous Le rencontrons, en elle aussi que nous adhérons à Lui et qu’Il nous béatifie.” (DE LUBAC, Henri. **Méditation sur l’Église.** Paris: Montaigne, 1968. p. 31, trad. Luiz Fraga).

Basílica Menor Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, cujos traços arquitetônicos e artísticos remetam à uma linguagem eclesiologia similar a de Francisco. Pretende-se, assim, evidenciar que a junção da eclesiologia e do espaço sagrado contribui para a edificação de igrejas que, por si mesmas, remetam os cristãos aos mistérios ali celebrados.

### 3.1 IGREJA FEMININA

Como foi abordado no primeiro capítulo, a figura de uma Igreja feminina, isto é, mãe e virgem, é um tema recorrente na história da Igreja. Por isso, o Papa Francisco reafirma essa imagem da Igreja com grande solicitude pastoral. Já no início de seu pontificado ele buscou investigar o tema da maternidade da Igreja. Para ele “é uma das imagens mais bonitas da Igreja: a Igreja-mãe!”<sup>170</sup>. Mas é preciso que se tenha clareza acerca do sentido que essa maternidade é assumida pela Igreja e como ela expressa essa dimensão.

Antes de tudo, a mãe gera para a vida, leva no seu ventre por nove meses o seu filho e depois abre-o à vida, gerando-o. Assim é a Igreja: gera-nos na fé, por obra do Espírito Santo que a torna fecunda, como a Virgem Maria. Tanto a Igreja como a Virgem Maria são mães; o que se diz da Igreja pode ser dito também de Nossa Senhora; e o que se diz de Nossa Senhora pode ser dito inclusive da Igreja! Sem dúvida, a fé é um ato pessoal: *eu creio*, eu, pessoalmente, respondo a Deus que se faz conhecer e quer entrar em amizade comigo (cf. Enc. *Lumen fidei*, 39). Mas eu recebo a fé de outros, numa família, numa comunidade que me ensina a dizer *eu creio, nós cremos*. O cristão não é uma ilha! Não nos tornamos cristãos em laboratórios, não nos tornamos cristãos sozinhos e só com as nossas forças, mas a fé é uma dádiva, um dom de Deus que nos é concedido na Igreja e através da Igreja. E a Igreja doa-nos a vida de fé no Batismo: este é o momento no qual nos faz nascer como filhos de Deus, o instante em que nos concede a vida de Deus, que como mãe nos gera.

---

<sup>170</sup> FRANCISCO, 2013e, não paginado.

Se fordes ao Batistério de São João de Latrão, a Catedral do Papa, encontrareis uma inscrição latina que reza mais ou menos assim: *Aqui nasce um povo de estirpe divina, gerado pelo Espírito Santo que fecunda estas águas; a Igreja-Mãe dá à luz os seus filhos nestas ondas.*<sup>171</sup>

Desse modo o Papa reforça a dimensão sacramental da pertença à Igreja. Essa maternidade, segundo Francisco, se expressa na pia batismal. Ainda que a recomendação canônica seja a de apenas as Igrejas paroquiais possuírem pia batismal, conforme recorda o cânon 858<sup>172</sup>. Toda Igreja é chamada a ser mãe, por isso, torna-se questionável a não existência da pia batismal em igrejas-não paroquiais.

Desde o início de seu pontificado, Francisco tem acenado ao papel das mulheres na Igreja ao longo de sua história. Recordando o papel importante das mulheres no anúncio da ressurreição do Senhor, o pontífice convida a Igreja a reeducar-se para um olhar mais profundo. Com um modo cada vez mais sensível e atento, o Pontífice convida a Igreja a agir com maternidade na evangelização. Maternidade essa expressa na profissão de fé, na acolhida e no anúncio de Jesus as realidades mais desafiantes do mundo atual.

Isto leva-nos a meditar inclusive sobre o modo como as mulheres, na Igreja e no caminho de fé, tiveram e ainda hoje desempenham um papel especial na abertura das portas ao Senhor, no seu seguimento e na comunicação do seu Rosto, pois o olhar de fé tem sempre necessidade do olhar simples e profundo do amor. Os apóstolos e os discípulos têm dificuldade de acreditar. As mulheres não. Pedro corre até ao sepulcro, mas detém-se diante do túmulo vazio; Tomás deve tocar com as suas mãos as chagas do corpo de Jesus. Também no nosso caminho de fé é importante saber e sentir que Deus nos ama, não ter medo de o amar: a fé professa-se com a boca e com o coração, com a palavra e com o amor.<sup>173</sup>

---

<sup>171</sup> FRANCISCO, 2013e, não paginado.

<sup>172</sup> CÓDIGO..., 2017, p. 230; CDC 858.

<sup>173</sup> FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco ao prefeito da congregação para a doutrina da fé.** Vaticano, 03 abr. 2013f. Não paginado. Disponível em: < [http](#)

Assim, a maternidade na Igreja deve ser vivida por meio da atenção e do anúncio adequado às necessidades de cada pessoa. Ao falar das mulheres, o Papa Francisco quer evidenciar o papel importante que a feminilidade desempenha na evangelização, pois, ter um olhar e um anúncio feminino significa passar da fé conceitualizada e racionalizada, para uma fé experimentada, afetiva e vivencial.

Outro ato importante para a efetivação das mulheres na missão da Igreja, foi a ampliação dos ministérios estáveis a elas. Diante da crescente necessidade da Igreja em ter mais pessoas envolvidas no anúncio do Reino de Deus e diante da consciência batismal, comum a homens e mulheres. O Papa reafirma que a conferência de ministérios estáveis às mulheres também convoca a todos os batizados a assumirem seu papel na missão da Igreja.

A decisão de conferir estes ofícios, que implicam estabilidade, reconhecimento público e um mandato do bispo, também às mulheres, torna mais eficaz na Igreja a participação de todos na obra de evangelização. “Isto também permite que as mulheres tenham uma incidência real e efetiva na organização, nas decisões mais importantes e na liderança das comunidades, mas sem deixar de o fazer com o estilo próprio da sua marca feminina” (Francisco, Exortação Apostólica *Querida Amazonia*, n. 103). O *sacerdócio batismal* e o *serviço à comunidade* representam assim os dois pilares sobre os quais se baseia a instituição dos ministérios. Desta forma, além de responder ao que é pedido para a missão no tempo presente e de acolher o testemunho dado por tantas mulheres que cuidaram e continuam a cuidar do serviço da Palavra e do Altar, tornar-se-á mais evidente — também para aqueles que se orientam para o ministério ordenado — que os ministérios do Leitor e do Acólito estão enraizados no sacramento do Batismo e da Confirmação.<sup>174</sup>

---

s://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/papa-francesco\_20210110\_lettera-donne-lettorato-accollato.html >. Acesso em: 28 ago. 2023.

<sup>174</sup> FRANCISCO, 2013f, não paginado.

Mais uma vez o Papa recorre a pia batismal para falar do papel das mulheres na Igreja e da dimensão materna da evangelização. O batismo na Igreja primitiva era celebrado em rios, lagos, termas privadas para o batismo, etc., conforme nos relata o livro dos Atos dos Apóstolos 8,36-38. Contudo, desde o período das *domus ecclesiae*<sup>175</sup>, mas, mais especialmente no século VI o batismo passou a ter um lugar nas Igrejas. Neste período o batistério ficava próximo a entrada da igreja, visto que este é o sacramento “porta de entrada para a Igreja e para a Vida Cristã”<sup>176</sup>. (figura 13)



Figura 13 – Batistério e Fonte Batismal.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/BPAKw4IjNSB/>>. Acesso em: 28 ago. 2023.<sup>177</sup>

Diante de tantas funções assumidas por mulheres na vida da Igreja, a Igreja também é convidada a assumir a sua dimensão feminina, seja na educação, no anúncio, no testemunho, no cuidado ou na geração

<sup>175</sup> Igreja nas casas. Tradução Nossa.

<sup>176</sup> MACHADO, 2001, p. 37.

<sup>177</sup> “No centro do batistério, está a fonte batismal em mármore branco, que tem baixos relevos com cenas dos anjos que recebem as mulheres no túmulo vazio, da samaritana no poço com Jesus e da ressurreição de Lázaro. [...] Na frente do Ambão, a frase *Tu é meu filho, eu hoje tegerei* (Sl 2,7)” A frase citada na fonte batismal, bem como as figuras femininas utilizadas por Pastro no Batistério de Aparecida evocam a maternidade inerente a capela batismal, bem como a maternidade da Igreja, que, na pia batismal gera novos filhos. (Pastro, 2023, p. 69).

de novos filhos. Por isso, a capela do batismo, ou a pia batismal tem um peso simbólico e celebrativo muito importante. Diante do batistério, o fiel é convidado a recordar que a Igreja é sua mãe, que ele está ligado à Igreja e aos demais fiéis de modo profundo e também é convidado a recordar o seu papel indispensável e intrasferível na evangelização.

### 3.2 PORTAS ABERTAS

Uma porta, ou uma “abertura”, como são chamadas essas estruturas na arquitetura, tenha uma função meramente estética, de segurança ou de fluidez e mobilidade em um edifício. Já nos evangelhos, o próprio Cristo declara: “Eu sou a porta”<sup>178</sup>. Também ele – Jesus – inúmeras vezes usa a analogia da porta para expressar as exigências do Reino de Deus (Mt 7,7; 7,13-14 e Lc 13,24). Coerentemente, ao longo dos séculos, a Igreja recorreu a aberturas decoradas e a vitrais coloridos para evangelizar. Na eclesiologia de Francisco, as portas abertas tornam-se símbolos de uma Igreja em permanente estado de missão:

A Igreja *em saída* é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade. A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada.<sup>179</sup>

A Igreja de portas abertas não pode ser confundida com um local onde tudo é aceito, sem ressalvas. Ela, todavia, também não é uma alfândega ou uma embaixada onde cada pessoa precisa receber um aval

<sup>178</sup> Jo 10,9.

<sup>179</sup> FRANCISCO, 2013, p. 40-41; EG 46.

de aprovação para entrar ou não no Reino de Deus. A abertura que o Papa pede à Igreja, começando pelos seus templos, é justamente um convite para que todos tenham acesso ao caminho do Reino, ainda que ele seja árduo e exigente. (Figura 14). É preciso pensar essas duas dimensões: de um lado uma Igreja sempre disposta a acolher, e de outro um caminho que é sempre exigente. A proposta se centra na disposição para o acolhimento.



Figura 14 – Porta Santa.

Fonte: Portal A12. Disponível em:

<<https://www.a12.com/santuاريو/noticias/ano-santo-da-misericordia-e-encerrado-no-santuاريو-nacional-de-aparecida>>. Acesso em: 15 jun. 2023.<sup>180</sup>

As portas de uma igreja, possibilitam um duplo movimento, o de acolhida e o de saída. Não se pode pensar uma Igreja em Saída que de fato não saia de suas estruturas, mas também não dá para conceber uma Igreja em Saída que não acolha, em seu corpo eclesial e também físico, novos membros. Existe uma tentação latente em nossos dias, a tentação

---

<sup>180</sup> A porta Santa da Basílica, bem com as demais, revela em seu horizonte a mesa da Eucaristia, onde todos têm lugar, mas também a cruz suspensa, caminho sempre exigente que leva ao céu.



ao fechamento, visto que, “a cultura do nosso tempo tem sido infestada pelo individualismo e pelo fechamento”<sup>181</sup>.

*A porta estreita é uma imagem que nos pode assustar, como se a salvação fosse destinada apenas a poucos eleitos ou aos perfeitos. Mas isto contradiz o que Jesus nos ensinou em muitas ocasiões; com efeito, um pouco mais adiante, Ele diz: Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus (v. 29). Portanto, esta porta é estreita, mas está aberta a todos! Não vos esqueçais disto: a todos! A porta está aberta a todos! [...] Pensemos então em quando Jesus diz: Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, será salvo (Jo 10, 9). Significa que para entrar na vida de Deus, na salvação, é preciso passar por Ele, e não por outro, por Ele; acolher a Ele e à sua Palavra. [...] a medida é Jesus e o seu Evangelho: não o que pensamos, mas o que Ele nos diz.*<sup>182</sup>

Aos poucos, vemos as consequências das nossas consciências adormecidas pelo conforto, o que nos leva a perder de vista aqueles que estão sofrendo.<sup>183</sup> A infestação da cultura pelo individualismo, rapidamente se espalha na Igreja quando o medo se torna predominante. O conselho do Pontífice é o de abrir-se ao Espírito.

Irmãos, irmãs, o medo bloqueia, paralisa. E também isola: pensemos no medo do outro, de quem é estrangeiro, de quem é diferente, de quem pensa de outra forma. E pode até ser medo de Deus: medo que me castigue, que fique zangado comigo... Se damos espaço a esses falsos medos, as portas se fecham: portas do coração, as portas

---

<sup>181</sup> FRANCISCO. **Audiência com empresários**. Vaticano, 17 fev. 2023. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/papa-francisco-empresarios-mexicanos-individualismo-bem-comum.html>>. Acesso em: 05 junho 2023.

<sup>182</sup> FRANCISCO. **Angelus**. Vaticano, 22 ago. 2022. Não paginado. Disponível em:< <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2022/documents/20220821-angelus.html> >. Acesso em: 27 junho 2023.

<sup>183</sup> FRANCISCO, 2023, não paginado.

da sociedade e até mesmo as portas da Igreja! Onde há medo, há fechamento. E isso não é bom. [...] o Espírito Santo liberta das prisões do medo. Porque é isso que o Espírito faz: nos faz sentir a proximidade de Deus.<sup>184</sup>

Dessa forma o Pontífice alerta para o fechamento como uma falta de confiança e fé no Espírito de Deus. É evidente que o Papa não fala da abertura das portas da igreja física de forma leviana, sem levar em conta as realidades, às vezes, tão violentas em que os templos estão inseridos. Mas, se o fechamento da porta física é indispensável para segurança do templo, a abertura espiritual, pastoral e eclesial deve crescer sempre mais. Pensar numa igreja mais acolhedora significa projetá-la de forma mais acessível e próxima das periferias. Francisco propõe à igreja física a abertura de suas portas como símbolo de uma abertura eclesial. Antes de tudo, é necessário abrir os corações à indispensável moção do Espírito Santo para repensar toda ação pastoral da comunidade. É necessário abrir as portas para ir em busca dos que estão dispersos nas periferias geográficas e existenciais. A porta aberta, portanto, é um convite não apenas a entrar, mas também e sobretudo a sair em busca dos que estão perdidos em seu próprio eu, ou afastados por não se sentirem parte da comunidade.

Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a porta: o Baptismo. A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. [...] Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa.<sup>185</sup>

---

<sup>184</sup> FRANCISCO. **Regina coeli**. Vaticano, 28 maio, 2023b. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-05/papa-francisco-regina-caeli-pentecostes-2023.html>>. Acesso em: 05 junho 2023.

<sup>185</sup> FRANCISCO, 2013, p. 41; EG 47.

Na arquitetura temos aberturas – portas – para unir/separar diferentes cômodos, elas também podem estar fortemente referidas às fachadas ou ao hall de entrada de um edifício. Por conta da natureza e da planta baixa de uma igreja, as portas não são tão utilizadas, visto que uma igreja não possui tantas repartições no seu interior. Por isso, as portas empregadas em uma igreja encontram-se predominantemente em suas fachadas. A porta de uma igreja, bem como seu conjunto – átrio, nártex, etc. – é o espaço privilegiado onde o “mundo exterior” choca-se com o “mundo interior”. Em visita à Fatima recordou o Papa.

A Capelinha onde nos encontramos constitui uma bela imagem da Igreja: acolhedora, sem portas. A Igreja não tem portas, para que todos possam entrar. E aqui podemos insistir também no facto que todos podem entrar, porque esta é a casa da Mãe, e uma mãe tem sempre o coração aberto para todos os seus filhos, todos, todos, todos, sem excluir nenhuma.<sup>186</sup>

Por isso, projetar ou até mesmo ocupar o átrio de uma igreja de forma mais acolhedora é o primeiro passo na constituição de um espaço que evangelize. Não por acaso, o lema do Santuário Nacional de Aparecida é: “Acolher bem também é evangelizar!”<sup>187</sup>. Aparecida destaca-se para o povo brasileiro – reconhecido por sua alegria e acolhimento – não por sua opulência ou grandiosidade, mas por ser “a Casa da Mãe Aparecida lugar de acolhimento”<sup>188</sup>.

---

<sup>186</sup> FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre em viagem apostólica do Papa Francisco a Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude**. Portugal, 05 ago. 2023. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230805-portogallo-rosario.html>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

<sup>187</sup> SANTUÁRIO em Ação: Acolher bem também é evangelizar! 03 ago. 2016. Não Paginado. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/campanha-dos-devotos/noticias/santuاريو-em-acao-acolher-bem-tambem-e-evangelizar>>. Acesso em 15 jun. 2023.

<sup>188</sup> CASA da Mãe Aparecida: um local de fé e acolhimento. 13 abr. 2020. Não Paginado. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/noticias/casa-da-mae-aparecida-um-local-de-fe-e-acolhimento>>. Acesso em 15 jun. 2023.

### 3.3 PONTE

Diante dum convite tão forte à abertura, o Papa continua a convocar o povo cristão a “derrubar muros e construir pontes”<sup>189</sup>. Como já afirmado inúmeras vezes, esta convocação é marcadamente missionária. (Figura 15).



Figura 15 – Passarela da Fé.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/cmzasmpbp8/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

A missão escatológica da Igreja é anunciar que o Reino de Deus, embora ainda não de forma plena e perfeita, já está em nosso meio, principalmente na Igreja, seu germe e princípio.<sup>190</sup> Num contexto de nova evangelização, como é o caso do Brasil, a missão consiste em levar a Boa Nova do Reino de Deus a um povo já provido de certas referências cristãs. Isso contribui sobremaneira para que este povo perceba, nas opções arquitetônicas e artística, a evocação do mistério, do desígnio salvífico do Pai.

---

<sup>189</sup> FRANCISCO. **Regina coeli**. Vaticano, 28 maio, 2023c. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-03/artigo-assinado-viagem-papa-francisco-ao-iraque-andre-oliveira.html>>. Acesso em: 05 junho 2023.

<sup>190</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 104-105; LG 5.

Abrir as portas e construir pontes significa estabelecer diálogo e proximidade também com outras confissões cristãs e outras religiões. A Igreja de portas abertas, em constante saída missionária, quer enxergar o Espírito de Deus também no outro que pensa, reza e vive de modo diferente. Em sua viagem apostólica ao Marrocos, Francisco afirmou sobre a necessidade de derrubar os muros para construir pontes; o que mais tarde desenvolveu em sua encíclica sobre a amizade social *Fratelli tutti*.

Direi que agora há flores, os frutos virão mais tarde. Mas as flores são promissoras. [...] uma fraternidade, uma acolhida de todos os irmãos com um respeito muito grande. Esta é uma bela flor de convivência que promete dar frutos. Não devemos desistir! É verdade que ainda haverá dificuldades, muitas dificuldades, porque, infelizmente, existem grupos intransigentes. Mas gostaria de dizer isto claramente: em cada religião há sempre um grupo integralista que não quer ir em frente e vive de recordações amargas, das lutas do passado, procurando mais a guerra e também semeando o medo. Vimos que é mais bonito semear a esperança, andar de mãos dadas sempre em frente. Vimos, também no diálogo com vocês aqui no Marrocos, que são necessárias pontes e sentimos dor quando vemos pessoas que preferem construir muros. Por que sentimos dor? Porque aqueles que constroem os muros acabarão presos pelos muros que construíram. Mas aqueles que constroem pontes vão muito avante. Para mim, construir pontes é algo que vai quase além do humano, exige muito esforço.<sup>191</sup>

Assim, abrir as portas da igreja significa abrir a Igreja para o diálogo ecumênico e interreligioso, significa acolher os que pensam diferente. Isso com a clareza da própria fé, ou seja, sem jamais esquecer as exigências desse movimento de abertura e acolhimento.

Abrir as portas da igreja significa, ainda, não a compreender apenas institucionalmente ou identificá-la com sua hierarquia. Significa favorecer a distinção dos ministros e ministérios assumidos pelo povo,

---

<sup>191</sup> FRANCISCO, 2023c, não paginado.

mas sem que isso promova a separação ou a quebra da comunhão. Por isso, estruturas que privilegiam a divisão não devem ser incentivadas, por exemplo, mezaninos, mesa de comunhão ou outras estruturas que promovam a separação. É evidente que a topografia e o espaço destinado ao templo precisam ser otimizados em seu uso, mas isso deve ser feito da melhor forma possível, isto é, favorecendo a participação e a união da assembleia litúrgica. “O corpo místico de Cristo se revela na assembleia reunida”<sup>192</sup>. Assim, a diversidade deve ser visível, mas a divisão deve ser evitada.

### 3.4 HOSPITAL DE CAMPANHA

Francisco ilustra em seus discursos e documentos uma nova forma da Igreja se apresentar frente às adversidades do mundo, as tantas feridas e dificuldades hodiernas. A primeira imagem eclesiológica que fixou é a de um *hospital de campanha*. Para ele, não se trata de uma imagem barroca ou pietista, mas sacramental, pois remete à Igreja como *sinal de esperança no mundo*:

Vejo com clareza – continua – que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar alto. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo.<sup>193</sup>

A Igreja para Francisco precisa ser local de acolhida e estadia. Vale recorrer à teledramaturgia para, em rápida pesquisa, encontrar a figura do Padre relacionado a dois momentos em especial: os sacramentos da penitência e do matrimônio. Não é por acaso que os grandes escritores e roteiristas de filmes, novelas, séries, seriados, livros

---

<sup>192</sup> PASTRO, Cláudio et al, 2023, p. 9.

<sup>193</sup> FRANCISCO. **Entrevista ao Papa Francisco**. Vaticano, 19 ago. 2013b. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadao.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadao.html)>. Acesso em: 10 setembro 2022.

e incontáveis obras de arte retratam o presbítero de estola roxa ou branca. A sociedade civil, mesmo tão marcada por novas expressões de crença e descrença, ainda enxerga na Igreja e em seus ministros um papel importante na orientação moral e fraterna.

A imagem da *Igreja-hospital* convida os pastores e o povo a se perceberem como pontes que levam do individualismo ao amor que une, e da indiferença à misericórdia que cura. Na carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, de 1994, São João Paulo II afirma o seguinte:

O sentido do *caminho para o Pai* deverá impelir todos a empreenderem, na adesão a Cristo Redentor do homem, um caminho de autêntica *conversão*, que compreende seja um aspecto *negativo* com a libertação do pecado, seja um aspecto *positivo* com a escolha do bem, expresso pelos valores éticos contidos na lei natural, confirmada e aprofundada pelo Evangelho. É este o contexto adequado para a descoberta e a intensa celebração do *sacramento da Penitência*, no seu significado mais profundo. O anúncio da conversão, qual exigência imprescindível do amor cristão, é particularmente importante na sociedade atual, onde tantas vezes parecem perdidos os próprios fundamentos de uma visão ética da existência humana.<sup>194</sup>

Esse convite de São João Paulo II a redescobrir o sacramento da penitência com seu aspecto profundo, o amor cristão, ressoou fortemente no Papa Francisco e o levou a convocar a Igreja para um Ano Santo da Misericórdia. Por isso, na arquitetura do Pontífice atual, o confessionário não é algo facultativo. Uma Igreja-hospital, imagem da misericórdia, deve dispor de um confessionário e, por conseguinte, compreender que, antes de ser juíza, ela é chamada a ser *Mãe e Pastora*. (Figura 16).

---

<sup>194</sup> JOÃO PAULO II. **Tertio Millennio Adveniente**. Vaticano, 10 nov, 1994b. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19941110\\_tertio-millennio-adveniente.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html)>. Acesso em 04 junho 2023. TMA n.50.



Figura 16 – Confessionários.

Fonte: Thiago Leon. Disponível em:

<<https://www.a12.com/santuاريو/noticias/sala-das-confissoes-no-santuاريو-de-aparecida>>. Acesso em: 15 jun. 2023.<sup>195</sup>

Causa estranheza a percepção de que em muitas Igrejas não haja mais um local específico para o sacramento da penitência. Sendo que ele é profundamente eclesiológico, pois reestabelece a comunhão com Deus, com os irmãos e com a Igreja, um espaço reservado para essa celebração torna-se muito importante.

A comunidade cristã é o lugar onde o Espírito se torna presente, que renova os corações no amor de Deus, fazendo de todos os irmãos um só em Cristo Jesus. Eis, então, por que motivo não é suficiente pedir perdão ao Senhor na nossa mente e no nosso coração, mas é necessário confessar humilde e confiadamente os nossos pecados ao ministro da Igreja. Na celebração deste

---

<sup>195</sup> A relação entre devoção mariana e sacramento da misericórdia é muito forte. Santuários marianos são pontos recorrentes na busca por conversão e mudança de vida. Em Aparecida, localizada no subsolo do santuário há uma capela da Reconciliação, suas cores e divisórias remontam a um hospital. Este espaço não remete a um tribunal, onde o réu vem encontrar o juiz, ocultado na penumbra. Ali, o penitente vai ao encontro da luz e da claridade da misericórdia.



Sacramento, o sacerdote não representa apenas Deus, mas toda a comunidade.<sup>196</sup>

É comum entre os fiéis um grande medo, ou vergonha de se confessar. Contudo, o Papa lembra aos presbíteros que é preciso fazer crescer a acolhida dos penitentes, de modo que lhes fique mais clara a beleza da misericórdia. Francisco afirma que “o confessorário não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível”<sup>197</sup>.

Ao afirmar que “a comunidade cristã é o lugar” onde o perdão se realiza, entende-se que o Papa não esteja se referindo unicamente a um móvel ou local físico, mas também a um lugar espiritual. Contudo, a celebração do ato teológico-sacramental da reconciliação ocorre num espaço. A sua adequação robustece a noção eclesiológico-comunitária do pecado e do perdão. “Muitas vezes se aproveitam os bancos da nave na falta de um local específico para a confissão individual. Isso dificulta o relacionamento e permite que os menos avisados interrompam, achando que se trata de um simples bate-papo”.<sup>198</sup> O *confessionário* ou a *capela da reconciliação* materializa em um espaço físico a mensagem profunda do Evangelho da misericórdia:

Tu tens um lugar, és tu, e ninguém te pode substituir; e eu também, ninguém me pode substituir no coração de Deus. [...] Deus é o pai que espera o regresso do filho pródigo: Deus espera sempre por nós, não se cansa, não desanima. Porque somos nós, cada um de nós, o filho abraçado de novo, a moeda reencontrada, aquela ovelha acariciada e colocada aos ombros. Ele espera todos os dias que nos apercebamos do seu amor. Tu dizes: *Mas eu comportei-me mal, tive muitos comportamentos maus!* Não tenhas

---

<sup>196</sup> FRANCISCO. **Audiência geral**. Vaticano, 19 fev. 2014a. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco\\_20140219\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140219_udienza-generale.html)>. Acesso em: 04 junho 2023.

<sup>197</sup> FRANCISCO, 2013. p. 39; EG 44.

<sup>198</sup> MACHADO, 2001, p. 39.

medo: Deus ama-te, Ele ama-te tal como és e sabe que só o Seu amor pode mudar a tua vida.<sup>199</sup>

A compreensão da profundidade desse amor de Deus que nos *espera*, seus filhos, é o motivo de se reservar um espaço favorável para esse encontro. A capela da reconciliação “é a capela do retorno, do perdão”<sup>200</sup>. Assim, cada confessional, seja ele um móvel, uma estrutura fixa, uma sala reservada ou uma capela própria para a celebração do Sacramento da Reconciliação, é um ícone da misericórdia de Deus, espargida na e pela Igreja.

### 3.5 IGREJA SINODAL

Francisco recorre à sinodalidade como um jeito de ser Igreja que combata a autorreferencialidade, na qual tanto o clero quanto o povo podem incorrer. A proposta da sinodalidade baseia-se na eclesiologia de comunhão, que une a ação missionária de pastores e ovelhas, partindo da fé trinitária que embasa essa ação na comum dignidade batismal. A necessidade de uma formação presbiteral que aposte na familiaridade do coração e valoriza o processo de escuta e diálogo torna-se um desafio, perante a realidade tão marcada pela competitividade.

O Sínodo em curso é – e deve ser – um caminho segundo o Espírito: não um parlamento para reclamar direitos e exigências à maneira das agendas de trabalho no mundo, nem ocasião de se deixar levar ao sabor de qualquer vento. Mas, o Sínodo é uma oportunidade para ser dóceis ao sopro do Espírito. Com efeito, no mar da história, a Igreja só navega com Ele, que é *a alma da Igreja* (S. Paulo VI, Discurso ao Sacro Colégio 21/VI/1976), o coração da sinodalidade, o motor da evangelização. Sem Ele, a Igreja fica inerte; a fé não passa duma doutrina, a moral dum dever, a pastoral dum trabalho. Às vezes, ouvimos os chamados pensadores, teólogos, que nos dão doutrinas frias; parecem matemáticas, porque

---

<sup>199</sup> FRANCISCO. **Angelus**. Vaticano, 15 set. 2019. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20190915.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20190915.html)>. Acesso em: 05 junho 2023.

<sup>200</sup> PASTRO, 2007, p. 74.

dentro falta-lhes o Espírito. Com Ele, pelo contrário, a fé é vida, o amor do Senhor conquista-nos e a esperança renasce. Coloquemos de novo o Espírito Santo no centro da Igreja; caso contrário, o nosso coração não arderá de amor por Jesus, mas por nós mesmos.<sup>201</sup>

Mais do que uma proposta de reforma arquitetônica, Francisco busca restaurar as estruturas mais profundas da Igreja, aquelas arraigadas nos corações e nas mentes. Suas propostas são de um verdadeiro retorno às fontes do cristianismo: o amor misericordioso, a acolhida e o cuidado para com os pobres, a escuta e a proximidade dos que sofrem, a docilidade ao Espírito que nos faz caminhar juntos e nos leva a romper com o fechamento e a rigidez.

Visto que na eclesiologia de Francisco prevalecem a acolhida, a proximidade, a misericórdia e o Evangelho, a Igreja deve buscar expressar tais dimensões em suas ações e por que também não em suas construções? Para isso, não é necessário trocar os tímpanos das igrejas, ou demolir suas torres; a reforma precisa ser antes de tudo interior. O sonho de Francisco é o de uma Igreja que expresse a acolhida, mais do que a impassibilidade e a estabilidade.

Uma Igreja sinodal e missionária manifesta-se através de comunidades locais habitadas por muitos rostos. Desde os primórdios, a Igreja não adotou uma forma rígida e homogênea, mas, ao contrário, se desenvolveu como um poliedro de pessoas com diferentes sensibilidades, origens e culturas. [...] A harmonia, que é um dom do Espírito, não anula as diferenças, mas a elas se doa, gerando uma riqueza sinfônica. Este encontro entre pessoas diferentes em uma única fé constitui a condição fundamental para a renovação pastoral das nossas comunidades. Isto tem efeitos no anúncio, na celebração e no serviço, ou seja, nos âmbitos fundamentais da pastoral ordinária. A sabedoria popular diz que *para educar uma*

---

<sup>201</sup> FRANCISCO. **Homilia do santo padre solenidade de pentecostes**. Vaticano, 28 mai. 2019b. Não paginado. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2023/documents/20230528-omelia-pentecoste.html> >. Acesso em: 1 de jun. 2023. Grifo do autor.

*criança é necessária uma aldeia inteira; hoje este princípio é válido para todos os âmbitos pastorais.*<sup>202</sup>

Fazer-se sinodal vai além de um processo de democratização do governo da Igreja ou de sua doutrina. A sinodalidade propõe-se auxiliar, de modo particular, a encontrar novos meios de fazer chegar o Evangelho aos que necessitam, de modo inculturado. A concepção de uma reforma ou a construção de uma nova igreja que atende ao apelo de sinodalidade, busca encontrar na comunidade local e em sua história, o modo de edificar. Respeitar a diversidade e as características de uma determinada comunidade é importante ao edificar projetos arquitetônicos. Mais do que serem ricos em teologia a igreja precisa estabelecer de modo afetivo a noção de pertença nos fiéis. Isto é, a sinodalidade em uma edificação é a buscar por fazer a igreja casa acolhedora dos fiéis que ali se reúnem. A igreja sinodal busca em seu povo e pastor o modo mais eficiente de expressar a identidade sinodal da Igreja. O presbitério do Santuário de Aparecida é, certamente, um belo ícone dessa Igreja Sinodal:



Figura 17 – Altar Central.

Fonte: Gustavo Cabral. Disponível em:

<<https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/santa-missa-coroou-bispos-que-estiveram-em-retiro-durante-a-manha>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

---

<sup>202</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2019, Vaticano. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final. São Paulo: Paulus, 2019. p. 77; JFDV 131.

A proposta arquitetônica do altar central de Aparecida quer justamente demonstrar que é de Cristo que vem a força da Igreja. Dessa pedra angular – o altar – saem ondas que se espargem pela Igreja; e de igual modo, atingem a todos, mas primeiramente os que estão mais próximos. Assim deve ser a Igreja, iluminadora, que antes se ilumina constantemente.<sup>203</sup>

Acima do altar central está a Cruz de Cristo, chamada por seu idealizador, Claudio Pasto, de “Cruz do nada”<sup>204</sup>, isso porque, embora pesando quase uma tonelada de aço, ela está suspensa, deixando-se mover pelo sopro do vento. Nessa mesma cruz, o Cristo pode ser visto por meio de seu decalque, porém não mais por seu corpo nela pregado. Essa é a mensagem iconográfica da cruz cristã, pesada, mas caminho para o alto e carregada pelo vento do Espírito Santo. Assim deve ser a Igreja, não linear e expectadora, mas itinerante e disposta a trilhar os caminhos sinuosos da sociedade, sem se desabrigar do Espírito, sem tirar de seu centro Cristo ou deixar para trás os irmãos.

### 3.6 PASTORES COM CHEIRO DE OVELHAS

Por fim a última imagem abordada é a do Pastor. Vale ressaltar que essa figura sintetiza, de modo particular, traços de todas as outras utilizadas por Francisco para falar da Igreja. O Pastor é a porta do redil. É ele quem procura as ovelhas perdidas e cuida das feridas. É ele quem age movido de amor-misericordioso e é dele a voz que anuncia o amor do Pai.<sup>205</sup> Em Jesus Cristo Bom Pastor, o Papa convida a Igreja a novamente rever o seu modelo pastoral, a fim de que seja compassiva com as dores de seus filhos. Aqui, a antiga imagem gótica e românica de uma Igreja triunfalista, poderosa e imperial<sup>206</sup> é substituída por uma *enlameada* e profundamente comprometida com os mais excluídos:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e

---

<sup>203</sup> PASTRO, 2023, p. 42-43.

<sup>204</sup> PASTRO, 2023, p. 46.

<sup>205</sup> Mt 28, 19-20.

<sup>206</sup> MACHADO, 2001, p. 22-23.

a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: *Dai-lhes vós mesmos de comer* (Mc 6, 37).<sup>207</sup>

O convite a ser uma Igreja comprometida com as realidades nas quais se encontra o rebanho de Jesus afasta o risco de se compreender como uma instituição, cuja missão seria desencarnada, unicamente espiritual. Essa perspectiva privaria a Igreja, “*peregrina nesse mundo*”<sup>208</sup>, de sua verdadeira identidade missionária. O convite do Pontífice, embora em linguagem pastoral, tem sua raiz na eclesiologia. Por isso, para que essas mudanças de atitude sejam verdadeiras e constantes, ele convida a mudar também a perspectiva eclesial. Não basta “estar com os sofredores”, é preciso “chorar com os que choram”<sup>209</sup>, conforme ensina o Apóstolo Paulo. O convite do Papa não se restringe aos ministros ordenados ou a quem ocupa altos cargos no governo da Igreja, dirige-se a toda a Igreja e à Igreja toda. Contudo, essa mudança precisa começar com aqueles que estão diante do rebanho, como seus pastores – os ordenados. Aos pastores, portanto, Francisco apela para que saiam de suas zonas de conforto a fim de se colocarem em seus devidos lugares, entre as ovelhas, para ali evangelizar a partir do testemunho de proximidade e acolhida.

Sede pastores com o *cheiro das ovelhas*, que se sinta este –, serem pastores no meio do seu

---

<sup>207</sup> FRANCISCO, 2013, p. 42-43; EG 49.

<sup>208</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 432; AG 2.

<sup>209</sup> Rm 12,15.

rebanho, e pescadores de homens. É verdade que a chamada crise de identidade sacerdotal nos ameaça a todos e vem juntar-se a uma crise de civilização; mas, se soubermos quebrar a sua onda, poderemos fazer-nos ao largo no nome do Senhor e lançar as redes. É um bem que a própria realidade nos faça ir para onde, aquilo que somos por graça, apareça claramente como pura graça, ou seja, para este mar que é o mundo atual onde vale só a unção – não a função – e se revelam fecundas unicamente as redes lançadas no nome d’aquela em quem pusemos a nossa confiança: Jesus.<sup>210</sup>

A mencionada “crise de identidade” aponta para uma falta de identificação com o Senhor. Identificar-se com Ele é entender-se com e como ele, pobre e servidor. Por isso, a partir de sua formação jesuítica, Bergoglio convida os pastores a se reencontrarem com a alegria do Evangelho e a redescobrirem nele a força para sua pregação e vida.<sup>211</sup> No entanto, também, convida os pastores a se depararem com as periferias existenciais, principalmente aquelas esquecidas pelos governantes e poderosos da sociedade. O Papa jesuíta indica que a superação da crise de identidade está em conformar a espiritualidade, o anúncio e a ação pastoral com o modelo de Cristo. Por isso, a saída às periferias para lá se estabelecer como comunidade de fé, parte do apelo do próprio Senhor que “se fez carne e habitou entre nós”<sup>212</sup>. Esse “estar no mundo, sem pertencer a ele”<sup>213</sup> pode levar a incorrer em dois erros graves. O primeiro deles é o da indiferença perante as realidades sociais e o segundo é o do “mundanismo”<sup>214</sup>.

Várias vezes tenho advertido contra uma perigosa tentação para a vida da Igreja que é a *mundanidade espiritual*: [...] identificando no

---

<sup>210</sup> FRANCISCO. **Homilia do Santo Padre**: Santa Missa Crismal. São Salvador, 28 mar. 2013. Não paginado. Grifo do autor. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html)>. Acesso em: 05 novembro 2022.

<sup>211</sup> FRANCISCO, 2013, p. 19-20; EG 1.

<sup>212</sup> Mt 28, 19-20.

<sup>213</sup> Mt 28, 19-20.

<sup>214</sup> FRANCISCO, 2013, p. 79-82; EG 93-97. Grifo do autor.

gnosticismo e no neopelagianismo os dois modos, relacionados entre si, que a alimentam. [...] Estas formas distorcidas do cristianismo podem ter consequências desastrosas para a vida da Igreja. De tudo o que quis recordar acima, resulta evidente que a Liturgia é, pela sua própria natureza, o antídoto mais eficaz contra esses venenos. [...] Se o gnosticismo nos intoxica com o veneno do subjetivismo, a celebração litúrgica liberta-nos da prisão de uma autorreferencialidade alimentada pela própria razão ou pelo próprio sentir: a ação celebrativa não pertence ao indivíduo, mas a Cristo-Igreja, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo. A Liturgia não diz *eu* mas *nós* e qualquer limitação à amplitude deste *nós* é sempre demoníaca. A Liturgia não nos deixa sós na busca individual de um suposto conhecimento do mistério de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir para dentro do mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam.<sup>215</sup>

A Igreja serve-se da arquitetura e, por isso, se serve e deve revestir-se do melhor de seu tempo. Elementos e materiais criados para edifícios “civis” podem ser empregados na edificação de um templo, porém é necessário que se tenha critérios claros e técnica suficiente para a adequação de tais materiais. Isto é, se o pastor não pode ser “mundano”, como alerta o Papa Francisco, a igreja também não pode ser um mero salão de eventos (as vezes religiosos). Também não cabe ao padre assumir a figura de um monarca absoluto, dono e mestre das artes, capaz de definir por si o que deve ser empregado em uma igreja. Uma Igreja sinodal e guiada por pastores com cheiro de suas ovelhas, deve levar em conta a realidade de cada povo e a criatividade local. Não cabem na Igreja padre “mundanos”, da mesma forma como não cabem na igreja decisões que não levam em conta as características e técnicas de cada tempo e local. Assim, padre e povo, pastor e ovelhas, podem fazer da comunidade local um ícone da Igreja universal que se encontra em determinado tempo e espaço.

---

<sup>215</sup> FRANCISCO, 2022, p. 15-17, DD 17-20.



## CONCLUSÃO

Este trabalho de pesquisa bibliográfica partiu de inúmeros questionamentos, recorrentes nas comunidades católicas, acerca da edificação ou da reforma de suas igrejas.

Como evitar que essas obras sejam executadas ao bel-prazer do Conselho de Pastoral, cuja urgência, muitas vezes, é a de mostrar serviço durante seu curto período à frente da comunidade? Ou segundo as concepções eclesiológicas do pároco da vez? O que deveria orientar as opções arquitetônicas e iconográficas? Não seria o caso de considerar, primeiramente, as grandes linhas eclesiológico-litúrgicas oficialmente propostas pela Igreja, bem como as orientações eclesiológico-pastorais recentemente emanadas pela Conferência Episcopal e/ou pelo sumo Pontífice? Diante dos atuais desafios que a realidade impõe à Igreja em missão, desafios que implicam diretamente não apenas as concepções eclesiológicas, mas também a dimensão litúrgica da vida cristã, quais as diretrizes emanadas pelos pastores da Igreja? Qual o elo existente entre eclesiologia, iconografia e arquitetura sacra? O que faz com que uma obra de arte se constitua como iconografia cristã, ou um conjunto delas como um plano iconográfico? E, por fim, uma igreja edificada como ícone eclesiológico, não seria uma ferramenta importante para a vivência e assimilação dos mistérios da fé que nela são celebrados?

A eclesiologia, que tende a refletir as exigências missiológicas de cada tempo e lugar, é certamente a ciência teológica mais difusa na ação pastoral; nem sempre, porém, de forma consciente por parte dos agentes da missão. É, de fato, a Igreja que está no mundo e tem a missão de ser para o mundo um reflexo de Cristo, Luz dos povos, e, desse modo, Sacramento do Reino de Deus. A eclesiologia surge, por isso, como uma coluna que sustenta e orienta a arte cristã. Uma formação eclesiológica insuficiente ou equivocada leva a um *modus operandi* equivocado ou insuficiente. Isso implica no reconhecimento de que as áreas eclesiológica e litúrgico-artística, nas quais se insere essa pesquisa, precisam ser seriamente considerados, seja pelos artistas, seja também pelas lideranças eclesiais que se envolvem nos processos de edificação, ou de reforma dos lugares de culto.

Desde os primeiros milênios, a busca por uma arte simbólica que levasse a assembleia litúrgica a contemplar, para além da Beleza de Deus, a sua presença eficaz ao longo da história de nossa redenção, fez dos artistas verdadeiros colaboradores na missão de evangelizar. Com o passar do tempo, porém, a arte optou por um esteticismo realista e,

mesmo, ultrarrealista de Deus e dos santos. Ao longo da pesquisa, é possível perceber que, na atualidade, em prol de sua função pedagógica, a arte sacra busca superar o modelo antropológico-pragmático de representar os mistérios da fé, reafirmando sua dimensão mistagógica.

Seria esse declínio da arte um sintoma ou uma causa da diluição da identidade cristã? A pesquisa evidenciou a conveniência de as igrejas elucidarem a identidade social, visível e espiritual, invisível da Igreja. Para tal, não bastam igrejas bonitas, bem decoradas ou adornadas com ricos ornamentos e técnicas. É preciso que elas estejam impregnadas de teologia, para que sejam eficazes “sacramentais” no e para o mundo.

A iconografia cristã é capaz de fazer com que uma igreja seja, ou venha a ser, um ícone do mistério da Igreja e dos mistérios dos quais é a depositária. Uma vez que o edifício de culto tenha suas dimensões espacial, simbólica, sacra, catequética e litúrgica intrínsecas devidamente consideradas e impressas em suas estruturas e paredes, a construção torna-se uma via mistagógica para a comunidade que a frequenta.

Considerando, pois, os novos, grandes e até desconcertantes desafios que se têm apresentado à missão da Igreja nesta mudança de era, parte-se do pressuposto, sempre mais evidente, que os elementos eclesiológicos subjacentes aos documentos e discursos do Papa Francisco e por ele insistentemente propostos são muito pertinentes, para que a Igreja se renove de modo a melhor corresponder à esta nova realidade que se lhe apresenta na missão.

Tendo presente toda esta realidade, a pesquisa, indutiva em suas motivações, esmerou-se em concatenar os conjuntos de saberes em questão para, também indutivamente, evidenciar a importância de traduzir, na iconografia e na arquitetura sacras, a eclesiologia de Francisco.

Com esse intento, procedeu-se da seguinte forma: no primeiro capítulo, estabeleceram-se, sucintamente, os princípios hermenêuticos e pastorais da eclesiologia do Papa Francisco destacando sua pertinência; no segundo capítulo, abordaram-se os principais elementos da iconografia, situando o leitor no contexto desta ampla temática; por fim, no terceiro capítulo, apresentou-se o plano iconográfico conceitual da eclesiologia em questão, e apontou-se, com o uso também de ilustrações, para a possibilidade de traduzi-lo, iconográfica e arquitetonicamente, num espaço sagrado, uma igreja.

Ao percorrer os três capítulos, redigidos sobre a autoridade magisterial do próprio Papa e sobre a autoridade acadêmica e artística de grandes nomes da arte sacra, o leitor é conduzido a perceber que a

eclesiologia, particularmente a emergente do magistério do atual pontífice, e a liturgia, aqui estritamente abordada em suas dimensões arquitetônica e iconográfica, se bem intrincadas, oferecem à Igreja um “sacramental”. Ou seja, um espaço sagrado com forte poder evocativo dos mistérios da fé, mormente da realidade teândrica da própria Igreja.

Desse modo, o leitor é levado a concluir que igrejas inspiradas nos elementos eclesiológico-pastorais destacados pelo Papa Francisco tornar-se-iam verdadeiros ícones do mistério e, como tais, auxílios oportunos à Igreja, em sua missão de evangelizar a sociedade pós-moderna.

Elas convocariam os cristãos católicos à missão, pois, assim como a missão é a principal característica identitária da Igreja, sua razão de ser, o que caracteriza a identidade de um cristão é sua capacidade de abertura, tanto para acolher, quanto para sair, partir, missionariamente.

Essas igrejas evocariam a misericórdia do Deus que se revelou a nós como amor misericordioso, pilar da eclesiologia de Francisco. O Papa, partindo do próprio ser e agir de Deus, chama constantemente a Igreja a compreender a profundidade desse Amor e a efetivá-lo solidariamente.

Espaços sagrados assim edificadas apontariam para a necessária harmonia na relação da família de Deus com a casa comum de toda a humanidade. O senso da missão e o amor misericordioso por toda a criação e, particularmente, pelo ser humano que a culmina, conclamam à união com todos os homens e mulheres de boa vontade, em prol dessa causa comum.

O Santuário de Aparecida surgiu no horizonte da pesquisa, como exemplo de igreja que busca revelar aos fiéis o que é ser Igreja. Apontou-se, assim, a aplicabilidade dos planos iconográficos conceituais, porque, como as palavras, as imagens também podem comunicar, cada uma a seu modo – a riqueza de ser Igreja.

Não é cabível, então, que igrejas sejam edificadas atendendo apenas a gostos pessoais. Os edifícios de culto têm uma vocação pedagógica: apontar por meio da beleza, de modo catequético-mistagógico, aos simples e aos cultos que a frequentam, a via da santidade. Do mesmo modo como a Igreja está e deve falar ao mundo atual, a arquitetura também busca edificar igrejas com aquilo que se tem de melhor em seu tempo. Assim é necessário sempre readequar o discurso, a compreensão e as formas de demonstrar a fé.

Por outro lado, a pesquisa também revelou que se faz necessário, ainda, muita humildade e estudo por parte dos artistas, arquitetos, lideranças comunitárias, presbíteros e bispos para que as igrejas sejam,

como a Igreja, reflexos de Cristo, Luz dos povos. Com certeza, é preciso que, concomitantemente, modifiquem-se as igrejas e se convertam as Igrejas. Aquelas tornar-se-ão “sacramentais”, à medida que essas, em comunhão, se tornarem sempre mais sacramento universal do Reino de Deus.

Surgem algumas perguntas: como se poderia ajudar as comunidades mais simples e menos favorecidas a disporem, também elas, de espaços sagrados plenos de significado, que as ajudassem a vivenciar mais profundamente os mistérios que celebram? Como fazer do edifício sagrado uma imagem da Igreja local e universal? É o papel do pároco ser um exímio perito em arquitetura ou basta-lhe a teologia para dirigir uma reforma e/ou construção de uma igreja?

Auspicia-se, enfim, que estas páginas ajudem a compreender que a beleza de Deus e do seu misericordioso amor têm o poder de nos fazer compreender e sentir a beleza de ser cristãos, membros da Igreja povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito. Que sejam, essas páginas, como uma pincelada, não em telas em branco, mas nas consciências cristãs, fazendo-as despertar para a importância do estudo e o poder da arte para que os corações e mentes sejam tocados e convertidos, pois, as edificações de culto, por mais belas que sejam, serão apenas galerias de arte, sem o testemunho eclesial do amor misericordioso que vem de Deus.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio José. *Lumen Gentium: a transição necessária*. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 19, n. 39, p. 6 – 41, 2004.
- ANTUNES, Otávio Ferreira. **A beleza como experiência de deus**. São Paulo: Paulus, 2010.
- ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2019, Vaticano. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final. São Paulo: Paulus, 2019.
- BARBOSA, Marcos. **A arte sacra**. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- BENTO XIV. **Caritas in Veritate**. Vaticano, 29 jun. 2009. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hfben-xvienc20090629caritas-in-veritate.html>>. Acesso em: 18 fev. 2023.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.
- BOROBIO, Dionisio. **A dimensão estética da liturgia**: arte sagrada e espaços para celebração. São Paulo: Paulus, 2010.
- BRAGANTINI, Gabriele. **A vida de Jesus em ícones**: da bíblia de Tbilise. Trad. Silvia Debetto C. Reis. 15. Ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 12-13.
- CASA da Mãe Aparecida: um local de fé e acolhimento. 13 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuاريو/noticias/casa-da-mae-aparecida-um-local-de-fe-e-acolhimento>>. Acesso em 15 jun. 2023.
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Ad Gentes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos da Igreja**: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 431-489.
- \_\_\_\_\_. Vaticano. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos da Igreja**: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197.

CONGRAGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão.** Vaticano: 1992. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_28051992\\_communionis-notio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html)>. Acesso em: 19 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Decreto sobre a celebração da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral.** Vaticano: 2018. Disponível em: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/03/03/0168/00350.html#portd>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CÓDIGO de Direito Canônico. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2017.

DE LUBAC, Henri. **Méditation sur l'Église.** Paris: Montaigne, 1968.

FRANCISCO. **Amoris Laetitia.** Brasília: CNBB. 2º edição. 2016.

\_\_\_\_\_. **Angelus.** Vaticano, 15 set. 2019a. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francescoangelus20190915.html>>. Acesso em: 05 junho 2023.

\_\_\_\_\_. **Angelus.** Vaticano, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2022/documents/20220821-angelus.html>>. Acesso em: 27 junho 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência com empresários.** Vaticano, 17 fev. 2023a. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/pa-pa-francisco-empresarios-mexicanos-individualismo-bem-comum.html>> Acesso em: 05 junho 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 11 set. 2013e. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130911\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130911_udienza-generale.html)>. Acesso em: 28 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 19 fev. 2014a. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/pa-pa-francesco20140219udienza-generale.html>>. Acesso em: 04 junho 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 18 jun. 2014b. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/pa-francesco20140618udienza-generale.html>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 27 ago. 2014c. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/pa-francesco20140827udienza-generale.html>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 29 out. 2014d. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/pa-francesco\\_20141029\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/pa-francesco_20141029_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 13 jan. 2016a. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/pa-francesco\\_20160113\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/pa-francesco_20160113_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 30 jan. 2016b. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/pa-francesco20160130udienza-giubilare.html>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral.** Vaticano, 12 mar. 2016c. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/pa-francesco20160312udienza-giubilare.html>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Carta do Papa Francisco ao prefeito da congregação para a doutrina da fé.** Vaticano, 03 abr. 2013f. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/papa-francesco\\_20210110\\_lettera-donne-lettorato-accolitato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/papa-francesco_20210110_lettera-donne-lettorato-accolitato.html)>. Acesso em: 28 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Christus Vivit.** São Paulo: Paulus, 2019.

\_\_\_\_\_. **Desiderio Desideravi.** São Paulo: Paulus. 2022.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Santo Padre Francisco.** Vaticano, 16 mar. 2013a. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco20130316ra\\_prepresentanti-media.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco20130316ra_prepresentanti-media.html)>. Acesso em: 10 setembro 2022.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Santo Padre em viagem apostólica do Papa Francisco a Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude.** Portugal, 05 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230805-portogallo-rosario.html>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Entrevista ao Papa Francisco.** Vaticano, 19 ago. 2013b. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco20130921\\_intervista-padaro.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco20130921_intervista-padaro.html)>. Acesso em: 10 setembro 2022.

\_\_\_\_\_. **Evangelii Gaudium.** São Paulo: Paulinas. 2013.

\_\_\_\_\_. **Fratelli Tutti.** São Paulo: Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. **Gaudete et Exsultate.** São Paulo: Paulus. 2018.

\_\_\_\_\_. **Homilia do Santo Padre:** Santa Missa Crismal. São Salvador, 28 mar. 2013c. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco20130328messa-crismale.html>>. Acesso em: 05 novembro 2022.

\_\_\_\_\_. **Homilia do santo padre na santa missa da celebração da jornada mundial da juventude.** Metro Park - Panamá, 27 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco20190127omelia-gmg-panama.html>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Homilia do santo padre solenidade de pentecostes.** Vaticano, 28 mai. 2019b. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2023/documents/20230528-omelia-pentecostes.html>>. Acesso em: 1 de jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Primeira saudação do Papa Francisco.** Vaticano, 13 mar. 2013d. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/>>



speeches/2013/march/documents/papafrancesco\_20130313\_benedizione-urbi-et-orbi.html>. Acesso em: 10 fevereiro 2023.

\_\_\_\_\_. **Querida Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2020b.

\_\_\_\_\_. **Laudato Si'**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Misericordiae Vultus**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015b.

\_\_\_\_\_. **Regina coeli**. Vaticano, 28 maio, 2023b. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-05/papa-francisco-regina-caeli-pentecostes-2023.html>>. Acesso em: 05 junho 2023.

\_\_\_\_\_. **Regina coeli**. Marrocos, 28 maio, 2023c. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/quem-constroi-muros-permanece-prisioneiro-papmar.html>>. Acesso em: 05 junho 2023.

HACKMANN, Geraldo Luiz B. Porto Alegre: ediPUCRS, 2013.

GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

JOÃO PAULO II. **Carta do Papa aos artistas**. Vaticano, 10 nov. 1994a. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hfjp-ii-let23041999artists.html>>. Acesso em 28 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Dives in misericordia**. Vaticano, 30 nov. 1980. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hfjp-ii-enc30111980dives-in-misericordia.html>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Ecclesia de Eucharistia**. Vaticano, 17 de abr. 2003. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hfjp-ii-enc20030417eccl-de-euch.html>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Ecclesia in Oceania**. Vaticano, 22 de nov. 2001a. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apostexhortations/>

documents/hfjp-iiexh20011122ecclesia-in-oceania.html>. Acesso em: 18 fev.

\_\_\_\_\_. **Millenio Ineunte**. Vaticano, 6 de jan. 2001b. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apostleters/2001/documents/hfjp-iiapl20010106novo-millennio-ineunte.html>>. Acesso em: 19 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Tertio Millennio Adveniente**. Vaticano, 10 nov. 1994b. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apostletters/1994/documents/hfjp-iiapl19941110tertio-millennio-adveniente.html>>. Acesso em 04 junho 2023.

JOÃO XXIII. **Mater et Magistra**. Vaticano, 15 de maio 1961. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hfj-xxiiienc15051961mater.html>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

JOHNSON, Curthbert; JOHNSON, Stephen. **O espaço litúrgico da celebração**: Guia litúrgico prático para a reforma das igrejas no espírito do Concílio Vaticano II. São Paulo, Loyola, 2006.

KASPER, Walter. **A Igreja Católica**: essência, realidade e missão. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. **O local de celebração**: arquitetura e liturgia. São Paulo: Paulinas, 2001.

MENEZES, Ivo Porto. **Arquitetura sagrada**. São Paulo: Loyola, 2006.

MOLINERO, Marcelo Antonio Audelino. **O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia**: para uma teologia do espaço litúrgico. São Paulo: Paulus, 2019.

NEWMAN, John Henry. **Origem e progresso das universidades**. Trad. Fabio A. Vitta. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

PASTRO, Cláudio. **A arte no cristianismo**: fundamentos, linguagem, espaço. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Arte sacra**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Guia do espaço sagrado**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Deus da beleza: a educação através da beleza**. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. et al. **Basílica de Aparecida: a fé pela arte**. Aparecida: Editora Santuário, 2023.

PAULO VI. **Populorum Progressio**. Vaticano: 1967. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vienc26031967populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vienc26031967populorum.html)>. Acesso em: 18 fev. 2023.

PEREIRA, Ney Brasil. Misericórdia, amor bondade: a misericórdia que Deus quer. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, ano 30, n. 2, p. 125 – 138, 2015.

REPOLE, Roberto. **O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco**. Brasília: CNBB, 2018.

RIBEIRO, Marília. **Você conhece o arquiteto que projetou o maior Santuário Mariano do Mundo?**. 29 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuuario/noticias/voce-conhece-o-arquiteto-que-projetou-o-maior-santuuario-mariano-do-mundo>>. Acesso em 24 ago. 2023.

SALDANHA, Nuno. **Arte sacra, culto, cultura e patrimônio**. In: MUSEU de Arte Sacra do Funchal. 2. ed. Portugal: MASF, 2019.

SANTUÁRIO em Ação: acolher bem também é evangelizar!. 03 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuuario/campanha-dos-devotos/noticias/santuuario-em-acao-acolher-bem-tambem-e-evangelizar>>. Acesso em 15 jun. 2023.

SCOMPARIM, Almir Flávio. **A iconografia na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2008.

TOMMASO, Wilma Steagall. **O Cristo Pantocrator: Da origem às igrejas no Brasil**, na obra de Cláudio Pastro. São Paulo: Paulus, 2017.

YANG, Klency Kakazu de Brito. O pintor beuronense Dom Adelbert Gresnicht e a teoria lenziana no mosteiro de São Paulo. **XIII encontro de história da arte**: arte em confronto: embates no campo da história da arte. p. 516. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/331412695opintorbeuronensedomadelbertgresnicheateorialenziananomo-s-teirodesaopaulo>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ZILLES, Urbano. **Significação dos símbolos cristãos**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.